

Um Estudo do Símbolo na Psicoterapia de Crianças  
Com orientação na Psicologia Analítica

Clarice Regina Haubert

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em Psicologia –  
Infância e Família: avaliação, prevenção e intervenção, sob orientação do  
Prof. Dr. André Guirland Vieira e da Prof<sup>a</sup> Dra. Tânia Mara Sperb

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-graduação em Psicologia  
Porto Alegre, abril de 2013

## AGRADECIMENTOS

Ao Dr. André Guirland Vieira, pela supervisão do caso e orientação clínica da monografia.

À Dra. Tania Mara Sperb, pela orientação da monografia.

À Dra. Miriam Gomes de Freitas, da Escola Junguiana de Porto Alegre, pela análise didática e aprendizado da Psicologia Analítica segundo o pensamento junguiano ortodoxo, enfatizando a teoria dos complexos, a história e a cultura.

À Aline Haubert de Souza, pelo trabalho de tradução para a língua inglesa.

À Adriana Lehmann Haubert, pelo trabalho de revisão do texto.

A Paulo e sua família, a minha gratidão por poder compartilhar a sua história.

## RESUMO

O presente trabalho estuda a função da produção simbólica na psicoterapia de crianças com orientação na Psicologia Analítica. A investigação foi realizada a partir de um estudo de caso, com a participação de um menino de 8 anos atendido em psicoterapia. Os dados foram coletados através de entrevistas com pais e professoras, registro diário das sessões, desenhos, pinturas, modelagens, brincar simbólico na caixa de areia e sonhos relatados pela criança. A análise da produção simbólica mostrou que o conflito central referia-se à sexualidade, tendo como origem a história e os problemas vivenciados pela família. O estudo concluiu que o trabalho sobre a expressão simbólica exerce uma função terapêutica, na medida em que possibilita uma melhor compreensão dos conflitos por parte do psicoterapeuta, da família e da própria criança. O estudo também mostra a importância da participação da família tanto na origem dos conflitos psicológicos da criança como em sua resolução.

Palavras-chave: Sandplay; símbolo; brinquedo simbólico; psicoterapia infantil; Psicologia Analítica.

## ABSTRACT

This work studies the function of symbolic production in Analytical Psychology-oriented children psychotherapy. The investigation was performed on a case study, with the participation of an 8-year-old boy who attended psychotherapy sessions. Data was gathered from interviews with parents and teachers, sessions daily registry, drawings, paintings, modeling, symbolic play using the sandbox and dreams reported by the child. The symbolic production analysis showed that the main conflict was related to sexuality, having as its origin the family history and the problems experienced by the family. The conclusion of the study shows that the work on the symbolic expression has a therapeutical role, since it enables the psychotherapist, the family and the child a better understanding of the conflicts. The study also shows how important the family participation is, both in the child psychological conflicts and its resolution.

Keywords: Sandplay; symbol; symbolic play; children psychotherapy; Analytical Psychology.

## SUMÁRIO

Resumo.....	3
Abstract .....	4
Lista de figuras .....	6
Capítulo I	
Introdução.....	7
1.1 A função do símbolo na psicoterapia com orientação na Psicologia Analítica .....	7
1.2 A função do símbolo na psicoterapia de crianças com orientação na Psicologia Analítica.....	9
1.3 O processo de interpretação dos símbolos na Psicologia Analítica .....	10
1.4 Justificativa e objetivo do estudo .....	11
Capítulo II	
Método .....	12
2.1 Participante.....	12
2.2 Instrumentos .....	12
2.3 Delineamento e Procedimentos .....	13
Capítulo III	
Resultados e Discussão .....	14
Capítulo IV	
Considerações Finais.....	45
Referências .....	48
Anexo .....	50

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os falos e as árvores com a menina.....	15
Figura 2 - O planeta Saturno e a Bandeira do Brasil.....	16
Figura 3 - A bomba no castelo e as bombas vampiras.....	17
Figura 4 - Um quadro para vender.....	17
Figura 5 - O planeta Terra e Silas.....	18
Figura 6 - O vulcão.....	21
Figura 7 - Os animais em suas casas e os animais numa mesma casa.....	22
Figura 8 - O herói preso.....	23
Figura 9 - Transferência: as pontes.....	26
Figura 10 - O esqueitista: ficar rico.....	26
Figura 11 - O boneco de neve.....	27
Figura 12 - O herói que luta com os malcriados e o herói morto.....	27
Figura 13 - O zoológico: os animais brigando para ficarem juntos e a porca irritando o sapo. ...	30
Figura 14 - O museu de pedras e a subtração de uma pedra.....	30
Figura 15 - O herói desmaiado.....	31
Figura 16 - O castelo mortífero.....	32
Figura 17 - O namoro e o desejo de sujar.....	37
Figura 18 - Areia movediça e o atropelamento.....	38
Figura 19 - Medo do balanço e o coito.....	39
Figura 20 - Destruição da cidade e o Robin tubarão.....	41
Figura 21 - Engodo e a manipulação.....	41

## CAPÍTULO I

### INTRODUÇÃO

Diversas teorias estudam os fenômenos psicológicos, propondo construtos específicos acerca do psiquismo e métodos de investigação e tratamento, sendo que algumas são centradas apenas nos processos da consciência. A Psicologia Analítica, fundada por Carl Gustav Jung, propõe a análise em profundidade dos conteúdos inconscientes e sua relação com a consciência, mediante a interpretação dos símbolos, visando ao crescimento da personalidade.

Este estudo buscou examinar a função do símbolo na psicoterapia infantil com orientação na Psicologia Analítica. A seguir, será apresentada a função do símbolo na psicoterapia com orientação na Psicologia Analítica e, em seguida, na psicoterapia de crianças; após, será abordado o processo de interpretação dos símbolos na Psicologia Analítica. Por fim, será apresentado um estudo de caso analisado a partir das produções simbólicas realizadas pela criança e interpretado segundo esta perspectiva teórica.

#### 1.1 A função do símbolo na psicoterapia com orientação na Psicologia Analítica

Jung (1999) referiu que o homem apresenta dois tipos de pensamento: o pensamento lógico ou dirigido e o pensamento fantasia ou associativo. O pensamento dirigido é voltado à realidade externa objetiva, visando à adaptação. Trabalha para a comunicação, utilizando-se de elementos linguísticos, é trabalhoso e cansativo, produz aquisições novas, imita a realidade e busca agir sobre a mesma, constituindo o instrumento da cultura. O pensamento fantasia ou associativo, diferente do pensamento lógico, se dá por analogias e metáforas, retratando tendências subjetivas. Manifesta-se espontaneamente, trabalha sem esforço e com conteúdos encontrados prontos, sendo movido por motivos inconscientes, e sua linguagem é simbólica. O pensamento fantasia constitui a modalidade de pensamento dos povos primitivos – retratado nos mitos –, das crianças, dos sonhos e do “fantasiar acordado” no adulto.

O símbolo é um termo, um nome ou uma imagem que, embora possa ser familiar, tem uma conotação além do seu significado manifesto, imediato e convencional, implicando algo vago, desconhecido ou oculto. Apresenta um aspecto inconsciente mais amplo, nunca precisamente definido ou que possa ser de todo explicado, estando fora do alcance da razão (Jung, 1977). A expressão simbólica é “a melhor formulação possível, de algo relativamente desconhecido, não podendo, por isso mesmo, ser mais clara ou característica” (Jung, 1991a, p. 444).

Os símbolos são produzidos pelo inconsciente, e os sonhos são sua via régia. Os sonhos são orientados para uma meta, contendo um sentido e uma finalidade. Mediante os sonhos, o inconsciente compensa a consciência, visando ao restabelecimento do equilíbrio psíquico (Jung, 1977; 2000b). Imagens e associações análogas a ideias, mitos e ritos primitivos muitas vezes emergem nos sonhos. Essas imagens e associações são parte integrante do inconsciente e apresentam uma função devido ao seu caráter histórico, sendo o elo entre o mundo racional da consciência e o mundo dos instintos (Jung, 1977). Tais símbolos não têm natureza nem origem individual, são representações coletivas que perpassam a história de povos e culturas primitivas, provenientes do inconsciente coletivo. Neles, a imagem e a significação são idênticas, de modo que não necessitam, a rigor, de interpretação (Jung, 2000b).

Na psicoterapia com orientação na Psicologia Analítica, a análise dos sonhos assume lugar central como método investigativo e, ao mesmo tempo, curador da psique: exercendo a função compensatória, os sonhos revelam a situação momentânea ou sistemática da consciência e os conteúdos que se encontram constelados no inconsciente, além de propiciar acesso aos complexos e à dinâmica psíquica do sujeito. Alguns sonhos antecipam situações e potencialidades futuras, realizando função prospectiva. Ao trazer os conteúdos inconscientes mediante uma imagem, uma cena ou um drama, o sonho permite ao paciente conscientizar, a partir da interpretação discutida pelo analista, o que necessita ser integrado e transformado para seu reequilíbrio, consistindo a terapia em um processo dialético que envolve ambos, paciente e terapeuta. Dessa forma, através dos sonhos, o inconsciente exerce função autorreguladora do psiquismo.

Segundo Jung (2000b), ao analisar uma série de sonhos ao longo do tempo, durante a terapia, pode-se constatar que há um processo evolutivo da personalidade: as compensações iniciais – que pareciam ser ajustamentos de atitudes unilaterais – se desdobram, interligadas e subordinadas a um fim comum e seguindo um plano determinado, caracterizando-se como um processo de desenvolvimento e de organização. Jung (2000b) denominou essa evolução da personalidade como processo de individuação.

Entende-se como função transcendente a função psicológica resultante da união dos conteúdos conscientes e inconscientes. A falta de paralelismo entre os conteúdos e a tendência do consciente e inconsciente decorre de ambos exercerem um papel compensatório ou complementar em relação ao outro. No tratamento analítico, o terapeuta exerce a função transcendente para o paciente, ajudando-o a unir consciente e inconsciente, promovendo uma nova atitude. O tratamento construtivo do inconsciente, ou seja, a busca do seu significado e de sua finalidade, é a base para a compreensão da função transcendente. O método construtivo consiste em analisar o símbolo (imagem onírica ou fantasia) no verdadeiro sentido, como



tradução de um fato complexo e ainda não claramente apreendido pela consciência, e não semioticamente, como sinal de processos instintivos elementares (Jung, 2000b).

A função compensatória à consciência igualmente ocorre através de outras expressões criativas e simbólicas, como a pintura, a modelagem, o brinquedo e as artes de modo geral, pois “os símbolos não ocorrem apenas nos sonhos: aparecem em todos os tipos de manifestações psíquicas” (Jung, 1977, p. 55).

## 1.2 A função do símbolo na psicoterapia de crianças com orientação na Psicologia Analítica

O psiquismo da criança não é uma tábula rasa, visto que ela nasce com um psiquismo atuante, isto é, o inconsciente coletivo. O desenvolvimento infantil parte de um estado inicial inconsciente até atingir a consciência. Até cerca de 3 anos de idade, pelo estado inconsciente de si mesma, a criança está inteiramente fundida com as condições do meio ambiente, de modo que há identificação do seu estado psíquico com a psique dos pais; somente na adolescência o indivíduo assume relativa independência em relação ao psiquismo dos progenitores. A psique da criança na primeira infância é parte da psique materna e, logo a seguir, da psique paterna, devido à atuação comum dos pais. Como não existe um “eu” diferenciado do meio, ocorrências ou acontecimentos podem pertencer a si ou a qualquer outro. Pela identificação inconsciente, a criança tende a assimilar e reproduzir padrões de comportamento dos pais, suas formas de sentir e de se posicionar na vida, aspectos que normalmente passam despercebidos a eles, ou seja, seus complexos, os quais são transmitidos de geração em geração, justamente devido à tendência de repetição desses padrões. Assim, a individualidade é construída sobre uma história familiar de posicionamentos diante da vida, equivocados ou não (Jung, 1986).

Os sonhos de crianças são particularmente significativos, pois se originam nas profundezas da personalidade. Não raro, esses primeiros sonhos apresentam uma antecipação do seu destino (Jung, 2011). O conteúdo dos sonhos e de toda produção simbólica da criança, com os conflitos que exprime, remete quase sempre aos pais e aos dramas familiares muitas vezes preexistentes à própria criança, inclusive dos antepassados (Jung, 1986).

Considerando que os processos inconscientes seguem uma determinada linha e possuem uma finalidade, analisar séries oníricas possibilita chegar ao núcleo central do que está sendo manifestado pelo inconsciente, além dos sonhos subsequentes propiciarem confirmações e correções das suposições a que se chegou anteriormente. Nas séries oníricas, há interligação coerente entre os sonhos (Jung, 2011). No tratamento de crianças, não apenas os sonhos, mas toda produção simbólica pode ser considerada uma série, na qual pode estar expresso um conteúdo central.

Através das imagens retratadas em desenhos e pinturas, o distúrbio emocional e os afetos podem ser expressos (Jung, 2000b). Silveira (1982) referiu que o desenho, a pintura e a modelagem, feitos livremente, permitem acesso aos fenômenos internos, aos conteúdos arcaicos invasores do inconsciente, provindos dos estratos mais profundos da psique. Para Silveira (2001), “a imagem interna não é um simples conglomerado de conteúdos do inconsciente. Constitui uma unidade e contém um sentido particular: expressão da situação do consciente e do inconsciente, constelados por experiências vividas pelo indivíduo” (p. 82).

Proposto por Dora Kalff (1980, citada por Vieira, 2006), o brinquedo na caixa de areia é outra modalidade de acesso ao inconsciente da criança. Utiliza-se uma caixa de areia com dimensões de 72 x 50 x 7,5 cm, junto com uma série de brinquedos em miniatura que contenham um conteúdo simbólico, representando coisas, situações e seres do mundo concreto ou mítico para que a criança construa cenários de forma espontânea. Na construção dos cenários, busca-se que a criança dramatize o conflito interno. Visa-se também que, a partir dessa dramatização e da relação transferencial, uma solução para o conflito seja encontrada (Ammann, 2002; Vieira, 2006). Os diversos cenários criados “representam a confrontação contínua e prática com o inconsciente” (Ammann, 2002, p. 11). A terapia na caixa de areia trata-se, portanto, de uma terapia não verbal e não racional, atingindo um nível profundo pré-verbal da psique (Weinrib, 1993).

### 1.3 O processo de interpretação dos símbolos na Psicologia Analítica

Na interpretação dos sonhos, assim como de outras fantasias, Jung (2000b) propõe dois processos: a contextualização e a amplificação. A contextualização consiste em reconstituir o contexto do sonho, visando a estabelecer seu texto; baseia-se na consideração objetiva da imagem do sonho, nas associações do sujeito sobre os elementos oníricos, na série de sonhos e na situação atual da consciência, dada pela história de vida da pessoa e pelas suas associações. No tratamento de crianças, especialmente, é de relevância considerar também a história familiar. A amplificação consiste em buscar representações das imagens ou dos símbolos na cultura, de modo a traçar analogias com as fantasias do indivíduo (Jung, 2000b; Vieira, 2006).

O sonho apresenta estruturas ou fases semelhantes ao drama, com início, meio e fim. O sonho é um drama vivido internamente. A primeira fase é a exposição, a qual indica o lugar da ação, os personagens e a situação. A segunda é o desenvolvimento da ação; aqui, a situação se complica, o problema passa a atuar e torna-se mais complexo, além de haver certa tensão. A terceira fase é a culminação ou peripécia, em que ocorre algo decisivo ou a situação muda inteiramente. A quarta fase, por fim, é a lise, contendo a solução ou o resultado produzido pelo

trabalho do sonho (Jung, 2000b; 2011; Vieira, 2006). As demais produções simbólicas produzidas pela criança podem ser analisadas e interpretadas pelo mesmo processo proposto para os sonhos.

#### 1.4 Justificativa e objetivo do estudo

Frequentemente, a criança que vivencia um conflito psíquico é trazida à psicoterapia encaminhada pela escola, pois essa é a primeira instituição a perceber os sintomas, visto que a família, por ser participante da problemática, nem sempre consegue dar-se conta dessa situação. Na maioria das vezes, nem a família e nem a própria criança compreendem o que ocasiona o sofrimento psíquico e respectivos sintomas, cuja origem é, invariavelmente, constituída por fatores inconscientes. O terapeuta precisará lançar mão de técnicas e instrumentos que possibilitem investigar tais fatores e conduzir o processo terapêutico. Deve-se considerar que o pensamento e a linguagem da criança são eminentemente simbólicos, e que ela expressa seus sentimentos e conflitos mediante o ato lúdico. O objetivo deste estudo é verificar se os símbolos que emergem na expressão lúdica, plástica e onírica contribuem com a ação terapêutica na psicoterapia de crianças, possibilitando:

- apreender seus conflitos psíquicos;
- verificar a incidência dos complexos familiares na problemática da criança;
- identificar potencialidades futuras;
- orientar a família a refletir e a elaborar seus próprios sintomas, conflitos e complexos.

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 Participante

Participou deste estudo uma criança com idade de 8 anos, do sexo masculino, frequentando o Ensino Fundamental, residente em Porto Alegre – RS, morando com os pais e duas irmãs. O participante foi selecionado dentre as crianças que vivenciaram um conflito psíquico e estiveram em tratamento psicoterápico com orientação na Psicologia Analítica conduzido pela pós-graduanda pesquisadora.

#### 2.2 Instrumentos

- a) Entrevista aberta com os pais: foram investigados o motivo da consulta, a história de vida da criança com os respectivos sintomas e sua evolução, a história familiar e dados de anamnese, conforme necessário.
- b) Entrevista aberta com professora e orientadora educacional: levantamento da situação da criança na escola em termos de desenvolvimento cognitivo, emocional, social, vivências e eventos significativos.
- c) Registros diários das sessões de psicoterapia: registro das verbalizações da criança, os eventos relatados por ela, os comportamentos não verbais e as atividades realizadas.
- d) Produção plástica realizada pela criança, através de desenhos, pinturas e modelagens: foram disponibilizados materiais plásticos para a realização livre e espontânea de desenhos, pinturas e modelagens, e registrados os relatos, as estórias e as associações da criança sobre os mesmos, a contextualização, a amplificação e as interpretações procedidas pela terapeuta em relação aos símbolos que a criança produziu (Jung, 2000b; 2004; Silveira, 2001).
- e) Fotografias do brincar simbólico na caixa de areia: foram disponibilizados brinquedos e uma caixa de areia para que a criança criasse cenários de forma livre e espontânea; foram fotografados os cenários que a criança construiu na caixa de areia e registrados os relatos, as estórias e as associações da criança sobre os mesmos, bem como a contextualização, a amplificação e as interpretações procedidas pela terapeuta em relação aos símbolos que a criança produziu (Jung, 2000b; 2004; Vieira, 2006; Ammann, 2002).

- f) Sonhos: foram registrados os sonhos relatados pela criança e suas respectivas associações, além da contextualização, da amplificação e da interpretação procedidas pela terapeuta (Jung, 2000b; 2004; Vieira, 2006).

### 2.3 Delineamento e Procedimentos

Foi utilizado delineamento de estudo de caso único (Yin, 2001), buscando analisar os símbolos e sua função terapêutica na psicoterapia infantil, bem como uma compreensão em profundidade do caso analisado. Foi efetuada a seleção do participante dentre os pacientes atendidos pela pós-graduanda, e procedeu-se o contato inicial para propor a participação na pesquisa junto ao responsável legal, com os devidos esclarecimentos acerca dos objetivos, privacidade e o caráter voluntário. Após, a criança foi consultada sobre a possibilidade de sua participação, também sendo esclarecida conforme descrito antes. Confirmado o interesse de participação, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) pelo responsável legal e pelo participante. Posteriormente, os instrumentos de coleta de dados (registros das entrevistas, registros diários de atendimento, fotografias, desenhos e pinturas) foram organizados para proceder ao levantamento e à análise dos dados.

Foram adotados os princípios éticos referentes à proteção dos direitos, bem-estar e dignidade dos participantes, conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, e a resolução número 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia, dispondo sobre a realização de pesquisas em psicologia com seres humanos.

Toda produção simbólica foi analisada e interpretada conforme proposto pela Psicologia Analítica, contemplando a contextualização, a amplificação e as fases de exposição, desenvolvimento da ação, culminação ou peripécia, e solução, lise ou resultado produzido (Jung, 2000b; 2004; Vieira, 2006), correlacionando com os sintomas que a criança apresentava. A análise dos dados contemplou as intervenções clínicas procedidas com a criança e com a família, bem como os resultados, obtidos ou não, de tais intervenções. Optou-se por analisar as primeiras 15 sessões dentre as 83 procedidas ao longo do tratamento, consideradas suficientes para o entendimento do caso e objetivo proposto nesta pesquisa, visando nos atermos à brevidade de uma monografia.

## CAPÍTULO III

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Paulo\* tinha 8 anos quando foi encaminhado à psicoterapia. O motivo da consulta apresentado pela escola era o fato de Paulo mentir e ter dificuldade de relacionamento com colegas meninos, preferindo relacionar-se com meninas. A mentira foi descrita como inventar estórias, como a de ter um irmão pequeno e coisas que o irmão fazia em casa. Também se dizia *gay*, o que era motivo de chacota pelos colegas. Paulo residia com os pais e duas irmãs: Carla, com 17 anos, e Marina, com 11 anos. O pai, a quem denominamos de Antônio neste estudo, tinha 43 anos e trabalhava como auxiliar de almoxarifado. A mãe, a quem demos o nome de Luciana, tinha 38 anos e cuidava do lar. Paulo apresentava baixa estatura e obesidade, e era muito comunicativo. Tinha bronquite asmática e, por isso, no ano anterior esteve internado durante sete dias. Veio trazido à terapia apenas pela mãe, o pai recusou-se a participar do tratamento. Luciana relatou que havia cerca de quatro meses que Paulo estava mais agressivo, embora sempre tenha sido brigão: irritado, bravo, ciumento, empurrava a mãe, brigava e implicava com as irmãs e queria ter autoridade sobre elas; colocado de castigo, chorava e esperneava como bebê. Brincava mais dentro de casa, via televisão, jogava ao computador, fazia os temas de aula. Luciana não o deixava brincar com meninos maiores, embora ele pedisse; Paulo ficava ao portão olhando os meninos jogando bola na rua. Na escola, Paulo conversava mais com meninas, o que foi observado pela mãe na 1ª. série da escola. Não se entrosava com meninos, dizia que os guris eram chatos. Paulo também falava que o pai era chato, porque não brincava com ele. Luciana descreveu o esposo como enérgico, brigava, xingava, não tinha carinho e era exigente, querendo as coisas na hora; tinha como aspectos positivos preocupar-se quando os filhos adoeciam e não bater neles. Luciana queixou-se que era ela quem tomava todas as providências em casa e em relação aos filhos, assumindo tudo para o esposo não brigar. Tendo engravidado de Paulo, Luciana queria que fosse uma menina, “porque é mais companheira e mais fácil de criar”. Decepcionou-se ao saber que era menino; até ele nascer, acreditou que pudesse haver engano. Desde que nasceu, Paulo presenciou muitas brigas entre o casal, devido ao marido ter ciúmes e achar que a esposa o traía com outros homens. Paulo foi concebido em uma relação forçada pelo pai; o casal não se relacionava mais porque a esposa queria separar-se. Luciana desesperou-se ao engravidar, pensou em suicídio e se expunha a situações de risco. Antônio pensou que o filho não era dele; depois que Paulo nasceu, o pai não olhava para ele, e

---

\* O nome do participante, de seus familiares e demais personagens são fictícios para preservar sua identidade.

apenas começou a olhar aos 9-10 meses, mas nunca brincou com o menino. Há quatro meses o casal brigou, e desde então não se fala.

A família sempre morou nos fundos da casa dos avós maternos de Paulo. Aos 4-5 anos deste, o avô materno teve câncer e Luciana ficou cuidando do seu pai no hospital durante três meses. Com o afastamento da mãe, Paulo regrediu, voltou a chupar bico e apresentou enurese noturna. Paulo ressentiu-se com a morte do avô ocorrida há cerca de dois anos, pois o avô era muito presente, saía com ele, conversava; havia cerca de oito meses que não chorava mais pela morte do avô. No momento da entrevista, aos 8 anos, ainda apresentava enurese noturna e às vezes apresentava encoprese, dormia com fralda presa ao dedo, chupava bico à noite para dormir e algumas vezes durante o dia, enquanto assistia à televisão.

Na primeira sessão, Paulo modelou dois falos, aos quais designou como “pau” (Figura 1). Relatou que aprendeu a fazer isto com Silas, colega de aula. Disse que Silas também fizera uma árvore, ele ia tentar fazer igual, e modelou duas árvores; do que sobrou da massa que estava usando, modelou uma cabeça e colocou junto às árvores (Figura 1), dizendo que era uma menina, a Ana, colega com quem brincava na escola de “mamãe e filhinho, papai e filhinha”. Tinha outra amiga com quem às vezes jogava bola no horário de intervalo na escola.



Figura 1. Os falos e as árvores com a menina.

Enquanto modelava, perguntou se a mãe ia ficar na outra sala; lembrei que sua mãe comentara na entrevista que ele estava sempre junto a ela dentro de casa. Logo Paulo pediu água para tomar, fui buscar e vi Luciana lendo um livro e me pareceu ser a Bíblia. Ao retornar, Paulo perguntou se sua mãe estava rezando, respondi que estava lendo e perguntei por que ela estaria rezando, ao que Paulo respondeu que era “pra nenhum homem mau pegar ela”. Questionei por que um homem mau pegaria sua mãe e ele respondeu que não sabia.

Após, Paulo fez uma pintura com têmpera (Figura 2) e narrou de que se tratava. Ao transcrever as narrativas, introduzimos as fases (entre parênteses e em letra itálica), visando sua análise e interpretação, conforme proposto por Jung (2000b; 2011). A narrativa de Paulo para

essa imagem foi a seguinte: “É um planeta, o Saturno (*exposição*); a grama preta apodreceu porque faltou água, o planeta era terra e pegou toda a água; o verde é grama que ficou com água. O azul é vários fios pelos quais sai água para o planeta; o amarelo é o que sai dos fios (*desenvolvimento da ação*). As bolas cor-de-rosa um homem mau fez (*peripécia*). No planeta não mora ninguém, porque é terra e secou” (*solução*). Por fim, desenhou a Bandeira do Brasil (Figura 2); reclamou que fez errada a parte amarela da mesma. Não escreveu “ordem e progresso”, apenas fez um traço preto.



Figura 2. O planeta Saturno e a Bandeira do Brasil.

Jogamos com bolas de gude, ele contou que tivera bolas de gude e jogava sozinho. Ao ver o jogo de sinuca, falou que adorava aquele jogo, vira seu pai jogando; entendi que havia pontos de identificação com o pai.

Na segunda sessão, Paulo construiu duas caixas de areia. Na primeira, disse que ia fazer um castelo com a areia; fez um pequeno monte (Figura 3), colocou uma bola enterrada na areia dentro dele e falou que era uma bomba; pôs uma menina em pé sobre o monte e, como ela logo caiu, ele a retirou e devolveu ao armário. Aqui, temos uma primeira narrativa: é um castelo (*exposição*), dentro dele há uma bomba enterrada (*desenvolvimento da ação*), uma menina está no castelo (*peripécia*), a menina cai e é retirada (*solução*). Na segunda caixa de areia, refez o monte, colocou quatro bolas sobre ele (Figura 3) e narrou: “são bombas, é o mal (*exposição*); as bolas se abrem e soltam uns fios (*desenvolvimento da ação*), os fios entram no monte (*peripécia*) e suga o sangue de quem está dormindo lá dentro” (*solução*).





Figura 3. A bomba no castelo e as bombas vampiras.

Após contou o seguinte sonho: “Sonhei que toda a minha família estava rica (*exposição*). A mãe acordou, abriu o roupeiro e estava cheio de dinheiro (*desenvolvimento da ação*). Eu acordei e abria as gavetas assim, abria e fechava, o meu roupeiro estava cheio de dinheiro (*peripécia*). Todos os roupeiros estavam cheios de dinheiro, o do pai e da mãe, o meu, o das minhas irmãs” (*solução*).

Depois fez um desenho com tinta têmpera (Figura 4), falou que “é um quadro para vender”. Enquanto desenhava, exclamou com ênfase: “minha vida é uma desgraça”, e acrescentou: “não posso nem ver a internet”. Contou que seu pai cortou neste fim de semana porque o preço mudou, estava mais cara. Paulo então me pediu: “Quando tu falar com meu pai, tu diz pro meu pai que só vou ter amor por ele se me deixar usar a internet”.



Figura 4. Um quadro para vender.

Após, pegou argila e começou a fazer uma pequena bola, disse que não sabia se ia conseguir. Perguntou se podia usar a cola colorida e começou a colocar cola e colar pequenos pedaços de argila. Questionei se não achava que a argila por si só colava, e Paulo respondeu que não sabia. Foram vários pedaços de argila que ele foi sucessivamente colando com cola colorida até formar a bola completa; desenhou três manchas vermelhas e circundou com tinta verde; em

cima, numa parte saliente que colara, pintou um ponto verde sobre ele, todos com cola colorida. Descreveu o que fez: “é a Terra... o mundo”, entendi que se referia ao planeta (Figura 5); respondeu que aquelas eram as cores da Terra. Depois pediu massa de modelar, disse que ia fazer um boneco, quando concluiu respondeu que era seu colega Silas (Figura 5). Por fim, jogamos o jogo de sinuca.



Figura 5. O planeta Terra e Silas.

A seguir, vamos analisar a série de conteúdos simbólicos que surgiu nesses dois primeiros encontros. Uma série consiste na representação sucessiva de um mesmo tema, o qual vai se desdobrando mediante imagens ou narrativas subsequentes, de modo a complementar, esclarecer e/ou apresentar possíveis transformações. Para compreendê-las, vamos contextualizar, buscando a conexão do seu sentido com a história de vida de Paulo e da família. Quando necessário, procederemos à amplificação, retomando como tais símbolos têm sido traduzidos pelos povos e culturas ao longo da história das civilizações, os quais permanecem presentes no inconsciente coletivo. Considerando que no material de Paulo surgiram várias imagens únicas, sem uma narrativa sobre as mesmas, para entendê-las precisamos buscar seu significado na cultura. Assim como Jung (2000b) apontou que os sonhos possuem um valor diagnóstico e prognóstico na terapia, as produções simbólicas iniciais de Paulo deixavam clara a conflitiva a ser tratada na terapia e sua possível evolução. A primeira imagem foi a dos falos (Figura 1). Para Chevalier e Gheerbrant (2003), o falo simboliza a potência geradora, sendo venerado como a origem da vida. Segundo Jung (1999), um símbolo fálico representa a libido e não um órgão sexual. Com essa primeira imagem, Paulo assinalava as duas questões centrais a serem trazidas à psicoterapia: uma das questões era a problemática do casamento dos pais e, mais especificamente, a sexualidade vivida nesse casamento, consistindo o núcleo do conflito de Paulo o modo com que ele foi gerado. Conforme informado pela mãe, ela queria separar-se, e a relação em que ele foi concebido foi forçada pelo pai, o que fez com que Luciana não aceitasse a gravidez e se colocasse em risco, buscando morrer; o pai também rejeitou, suspeitando que o

filho não fosse dele. À medida que a sexualidade era excluída da relação, embora o casal continuasse compartilhando o mesmo leito, ela retornava de modo pervertido através da relação sexual forçada. A concepção de Paulo deu-se, assim, sob a condição da violência e da rejeição, originando um conflito. A outra questão central introduzida por esse símbolo era o processo de construção da identidade sexual de Paulo, como veremos ao analisar a imagem seguinte.

A segunda imagem produzida por Paulo foi das árvores e, junto com elas, a cabeça de uma menina (Figura 1). Jung (1999) apontou que a árvore é símbolo, dentre outros, tanto do falo como do materno, e analisou sob essa perspectiva o mito de Átis e Cibele: Átis, enlouquecido pelo amor da mãe, por ele apaixonada, praticou a autocastração debaixo de um pinheiro e, segundo uma versão, Átis se transformou num pinheiro e Cibele levou-o até sua gruta e chorou por ele. O pinheiro, na antiguidade, era a árvore dedicada a Cibele, deusa da fecundidade (Chevalier e Gheerbrant, 2003). A árvore, nesse contexto, significa o filho que a mãe recolheu à caverna, ou seja, ao seio materno; ao mesmo tempo, a árvore também significa o materno, pois no culto prestado ao deus Átis, sua imagem é pendurada na árvore e depois o pinheiro é cortado, representando uma união entre filho e mãe e o apego do filho à mãe. A transformação em pinheiro simboliza o sepultamento na mãe; o corte da árvore, no culto, representa a castração, ou seja, o sacrifício da libido do filho (Jung, 1999). Mediante esse mito, vemos o efeito do complexo materno no filho que permanece identificado à mãe, o que traz consequências importantes em termos de sexualidade, podendo ser a gênese do homossexualismo ou do donjuanismo. Segundo Jung (2000a), “no homossexualismo o componente heterossexual fica preso à figura da mãe de modo inconsciente; no donjuanismo, a mãe é procurada inconscientemente em cada mulher” (Jung, 2000a, p. 95). A possibilidade da homossexualidade era antevista inconscientemente por Paulo, que, na escola, se dizia *gay*; esse conflito ficou expresso tanto na imagem dos falos quanto das árvores junto com a cabeça de uma menina. A criação de Paulo como uma menina, conforme assinalado na primeira entrevista com Luciana, constituía o fator determinante de sua identificação massiva com a mãe e do conflito na construção de sua identidade sexual. Diante disso, dizendo-se *gay*, implicitamente ele se perguntava: “sou menino ou sou menina? Se sou menina, o que faço daquilo (o falo ou o pênis) que me caracteriza como menino?”. Criando Paulo como uma menina e promovendo o apego e a infantilização, a mãe o mantinha preso e identificado com ela; como simbolizado no mito, psiquicamente o “castrava”. Concomitante a isso, essa imagem das árvores com a cabeça de menina pode estar simbolizando um feminino infantilizado vivenciado pela mãe, que não integrava a sexualidade na relação do casal e cuja libido se mantinha apenas no nível de “mamãe e filhinho”, assim como o retratado na brincadeira de Paulo com a amiga. Jung (2000a) abordou que o complexo materno na filha pode gerar tanto a hipertrofia quanto a atrofia do feminino; no

aspecto negativo desse complexo, a meta da mulher consiste em parir, sendo o homem apenas instrumento de procriação, de modo que o Eros desenvolve-se apenas como relação materna.

A terceira imagem que surgiu nesta série foi a pintura do planeta Saturno (Figura 2) e a narrativa de Paulo sobre a mesma. Na imagem e na narrativa, podemos observar a presença de um complexo familiar que sugava toda a vitalidade e anulava a potência e a própria vida: tratava-se da dinâmica familiar, através da ação tanto do pai, pela rejeição e ausência na relação com o filho, quanto da mãe, pela superproteção e projeções relativas ao masculino, assim como pela relação de ambos enquanto casal, baseada em brigas e em conveniências. O homem mau é a representação da imagem negativa de masculino que Luciana tinha, pois considerava que nenhum homem valia, conforme expressou em entrevista. Essa imagem era transmitida a Paulo mediante identificação inconsciente com a mãe, e também à medida que esta brigava e denegria o pai. Isso justificava a fala de Paulo de que a mãe devia estar rezando para que nenhum homem mau a pegasse, o que é ratificado pelos três círculos cor-de-rosa do planeta Saturno, sugerindo a negação do masculino e uma identificação com o feminino. Evidencia-se a identificação psíquica entre a díade mãe-filho, com Paulo ficando identificado emocionalmente com a mãe, compartilhando os mesmos sentimentos em relação ao marido-pai e tomando o partido dela nos desentendimentos com o esposo. A identificação com a mãe produzia no menino um tom afeminado e afetado em um processo de exclusão do aspecto masculino de sua identidade, visto pela mãe como algo mau, violento e perverso. Devido a essa situação, a vida tornava-se estéril e triste como a representação do planeta Saturno (Figura 2) e sua transposição para o local em que viviam, mediante a representação da Bandeira do Brasil (Figura 2). Jung (1986; 2000b) apontou que há identificação entre a psique dos pais e o estado psíquico da criança, processo este denominado por ele de contaminação psíquica, e estabeleceu um paralelo entre esse conceito de identidade primitiva e inconsciente e o de participação mística proposto por Lévy-Bruhl ao estudar o homem primitivo, no qual ele constatou que não há distinção absoluta entre sujeito e objeto. Essa identificação inconsciente da criança com a psique de seus pais decorre do estado de inconsciência em que se encontra a criança; quanto mais débil a consciência do eu, mais o sujeito é afetado e menos está em condições de proteger-se do contágio (Jung, 1986).

As duas narrativas seguintes surgidas nesta série contêm um mesmo elemento: a bomba. Na primeira narrativa (Figura 3), a personagem era uma menina; na segunda (Figura 3), eram uma ou mais pessoas que dormiam, ou seja, que se encontravam em estado inconsciente, por isso sendo sugadas. A menina no castelo remete a *anima*. Para Jung (2000a; 2003; 2004), a *anima* representa os sentimentos no homem, o aspecto feminino em sua personalidade, ponte de ligação com o inconsciente e com a vida, sendo a mãe o seu primeiro modelo. Em sua escolha amorosa, o homem tende a projetar na mulher sua própria feminilidade inconsciente (Jung, 2003). Desse

modo, “em cada complexo materno masculino, ao lado do arquétipo materno, a *anima* do parceiro sexual masculino desempenha um papel importante” (Jung, 2000a, p. 95). Vemos que a menina, aqui, sendo a *anima* de Paulo, representava ao mesmo tempo a mãe como modelo de *anima* para Paulo, quanto a *anima* do pai de Paulo, e ela estava sobre uma bomba. A bomba referia-se ao casamento dos pais, que estava enterrado, e aos conflitos familiares que essa situação suscitava face à inconsciência do casal, mantendo um casamento na base da conveniência e utilitarismo para ambos. Paulo já reproduzia a relação utilitária e manipuladora ao condicionar o amor ao pai ao uso da internet. A menina sobre a bomba também pode representar o processo de construção da identidade de Paulo, criado como uma menina e identificando-se com o feminino da mãe, como vimos.

O sonho em que toda a família estava rica, assim como o quadro para vender (Figura 4) que Paulo pintou, traduzia a atitude escapista da família, a busca de uma solução mágica para os problemas, sem implicar um esforço, o que estava sendo reproduzido por Paulo. Com isso, a energia psíquica ficava estagnada e os problemas não eram resolvidos.

Na modelagem seguinte, Paulo fez a Terra e a designou como o mundo (Figura 5); logo a seguir modelou um menino (Figura 5). Essas imagens fecham a série mostrando o que precisava ocorrer para a solução do conflito: sendo a terra o continente da personalidade, e considerando o modo com que Paulo a construiu, demonstrava que havia necessidade de integrar os complexos retratados nas imagens e narrativas anteriores para que, a partir daí, pudesse surgir o menino, o seu lado viril, em oposição à *anima* que não se sustentava em seu castelo. Para Jung (2000b), o complexo é a imagem de uma situação psíquica de forte carga emocional, a qual é dotada de coerência interior, totalidade própria e autonomia. Trata-se de uma maneira de pensar, sentir e de se posicionar perante o mundo e às situações.

Na terceira sessão, Paulo modelou um vulcão com massa de modelar (Figura 6) e disse que a parte cor de laranja é fogo que desce.



Figura 6. O vulcão.

Após, fez uma caixa de areia (Figura 7): colocou em fileira a libélula, a aranha, o peixe e a cobra (*exposição*), depois retirou dos lugares e falou que ia fazer uma casa para cada um deles; fez um monte e colocou a cobra sobre ele, sendo sua casa; para a aranha, fez a casa como um monte menor e para a libélula e o peixe a casa é circundada por uma escavação (*desenvolvimento da ação*). Paulo pediu que eu fizesse a aranha e o peixe saírem de suas casas, mostrou que era arrastando que saíam e, enquanto isso, fazia a cobra e a libélula saírem das suas casas (*peripécia*). Falou que era para eu levar os dois para junto dos outros dois que ele estava levando, que eles iam fazer um lugar ali para eles, juntou os quatro dizendo que aquele era o lugar deles (*Solução*). Após, jogamos bolitas, 60 Segundos, varetas, jogo de memória e basquete de mesa.

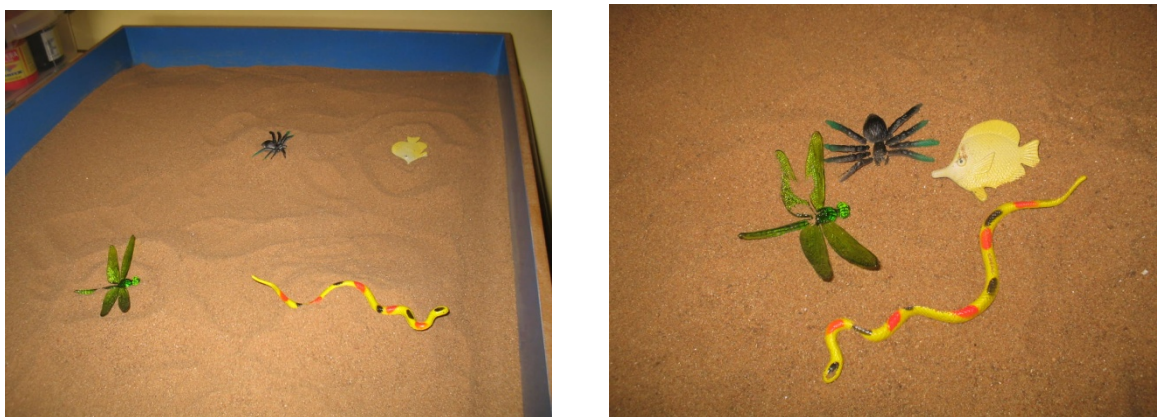


Figura 7. Os animais em suas casas e os animais numa mesma casa.

Na quarta sessão, solicitei que Luciana providenciasse avaliação oftalmológica, pois Paulo relatava dificuldade em copiar atividades que a professora colocava no quadro. Nesta sessão, Paulo quis apenas jogar: jogamos Basquete, Detetive Junior e o jogo 60 Segundos.

Contou o seguinte sonho: estava dormindo, acordou e viu uma aranha sobre a cama (*exposição*), a aranha encostou-se nele, ele não sentia as cobertas nem a aranha, só sentia a si mesmo se ele se tocava (*desenvolvimento da ação*). A aranha se enroscou nas suas pernas, braços e pescoço e o enforcou, ele morreu (*peripécia*). A mãe acordou e, quando o viu, desmaiou (*solução*).

Na semana seguinte, tive uma entrevista com Luciana, a qual relatou que Antônio mudou com os filhos desde que Paulo foi encaminhado para tratamento, estava mais participativo, passou a conversar e a jogar com eles. Paulo já não reclamava tanto do pai, antes dizia: “o pai é chato, não brinca, não gosto do pai”. Não se queixava mais que os meninos eram chatos e viu o filho brincando com os guris na escola. Questionei por que Paulo estava tão infantil, respondeu que ele era “muito mimado, a gente não deixa nada, não deixa conviver com amigos. Por ser o mais novo, por eu superproteger, não deixar brincar, por ficar só com nós em casa”. Não deixava Paulo brincar na rua “por causa dos perigos que existem, como roubo de crianças”. Relatou que

Paulo era muito dependente dela, acordava em cima da hora e o vestia para ir à escola. Também tinha medo do escuro, desde bebê ele dormia com luz acesa, porque ela temia que se afogasse. No hospital, Paulo havia se afogado quando estava no berço, não se mexia, temeu que morresse e repensou tudo o que passou na gravidez. Apontei que o medo era dela e que ele reproduzia, porque a criança participa do inconsciente dos pais, e assinali a necessidade de ajudá-lo a crescer e ser independente, tratando-o como um menino de 8 anos, e que talvez o tratasse como uma menina sem perceber, para que seja “companheira e fácil de criar”, como havia referido em nosso primeiro encontro.

O casal continuava com dificuldade na relação conjugal, e Luciana salientou que sabia que isso fazia com que o pai ficasse pior com os filhos. Apontei o quanto essa situação que vivenciavam no casamento era danosa para todos, com o que ela concordou. Sugeri terapia para o casal e Luciana argumentou que ele não aceitaria. Propus, então, que ela fizesse, que precisavam rever essa questão, e ela ficou de verificar a possibilidade.

Na quinta sessão, Paulo iniciou pelo jogo World II; enquanto jogava, levou a mão à areia e disse: “só queria ver se tinha uma roda enterrada ali”, respondeu que alguém podia ter enterrado uma roda. Refleti se seria uma metáfora à aliança dos pais, cujo casamento parecia estar “enterrado”; em sessões anteriores, aparecera o tema da bomba enterrada e de alguém enterrado de quem é sugado sangue. Após, montou uma caixa de areia: pegou oito bastões, fez um retângulo, colocou o Power dentro dele (Figura 8) e narrou: “o Power ficou preso (*exposição*), ele caiu ali (*desenvolvimento da ação*), foram os maus que fizeram isso (*peripécia*), eram paredes que iam se fechando” (*solução*).



Figura 8. O herói preso.

A série seguinte contempla as imagens e narrativas da terceira à quinta sessão. A modelagem que denominou como um vulcão (Figura 6) remete ao falo, simbolizando o casamento dos pais e a destrutividade presente na relação do casal: segundo Luciana, ela não se separava do marido por causa dos filhos, sem dar-se conta que a situação que o casal vivia era

prejudicial para o desenvolvimento psíquico dos filhos, os quais, pela identificação psíquica, reproduziam as desavenças em suas relações, pautadas pela rivalidade e agressão. Luciana, com essa atitude, instituiu um falso-*self*: a família unida a benefício dos filhos, quando o resultado era o oposto disso. Durante a terapia, foi ficando claro para Luciana que a situação era danosa, conforme verbalizou na entrevista, mas isso não bastava para promover uma mudança ou busca de recursos para o enfrentamento da situação.

Na construção da caixa de areia, Paulo utilizou-se de figuras de animais (Figura 7); cada animal tinha sua casa, e formavam uma quaternidade (Jung, 2000b, p. 140 e p. 233-4) dispostos aos pares. A quaternidade é símbolo do núcleo central da personalidade, o *Si-mesmo* ou *Self* (Jung, 1999). Os animais são uma representação do instinto (Jung, 1991b; Vieira, 2006). Assim como para os animais, para os quais os instintos são decisivos, condicionando e determinando o curso de sua vida, para o homem a perda do instinto traz consequências a sua adaptação, de modo que a aparição dos animais nos sonhos visa preencher essa lacuna, sinalizando o que está faltando para essa adaptação (Jung, 1991b). Amplificando o significado de cada animal, vimos que o peixe simboliza a criança ainda não nascida e se relaciona com renovação e renascimento, enquanto a serpente é símbolo da imago materna destrutiva, da mãe-morte (Jung, 1999). Serpentes e aranhas representam o materno inexorável (Vieira, comunicação pessoal, 2007). A borboleta e os esfingídeos são símbolo da psique (Jung, 1999). Entendemos que essa caixa de areia complementa a imagem do vulcão (Figura 6), retratando a participação inconsciente dos membros da família na situação psíquica dos pais: não era viável cada membro permanecer em seu espaço psíquico, respeitado em sua integridade e autonomia, pois, pela indiferenciação, todos encontravam-se submetidos à dinâmica destrutiva do casamento dos pais. Outra significação, não excludente, é que o movimento de Paulo de reuni-los ao centro da caixa demonstrava a necessidade de integração dos conteúdos psíquicos, via conscientização da família, para a transformação dessa problemática.

A aranha também aparece no sonho de Paulo, e ela o enforcou e matou. Tendo em vista que tanto a serpente quanto a aranha remetem ao aspecto destrutivo do complexo materno (Jung, 1999; Vieira, comunicação pessoal, 2007), tais símbolos apontam para a mãe devoradora e histriônica que promovia a dependência e infantilização do filho, assim como para a identificação inconsciente de Paulo com a mãe, o que é ratificado pela imagem seguinte dessa série, em que o herói Power ficou preso (Figura 8). Nessa imagem, o herói era o ego avassalado pelo complexo materno, que não permitia o crescimento e a autonomia, contribuindo para isso a omissão do pai: o masculino era denegrido e contaminado pela mãe, o pai ratificava essa situação pela autoexclusão junto a Paulo e pelas atitudes agressivas. A mãe retinha seu crescimento superprotegendo o filho, não o lançando para a vida, não permitindo que convivesse



com meninos de sua idade nem realizasse por si mesmo os cuidados próprios, de modo a desenvolver a autonomia, incrementando no menino tanto um sentimento de baixa autoestima como de indolência, como visto na fala de Paulo na sexta sessão, relatada a seguir. Desse modo, Paulo encontrava-se regressivo e infantilizado. No encaminhamento da escola, constava a mentira e o inventar estórias, como a de ter um irmão pequeno; agora compreendemos que essa fantasia era uma compensação: se ele tivesse um irmão pequeno, não seria o bebê da mãe. Jung (1999) já havia dito que “o homem se compensa pela fantasia” (Jung, 1999, p. 22).

Na sexta sessão, Paulo trouxe o resultado da avaliação oftalmológica: com miopia e astigmatismo, a criança precisava usar óculos. Paulo iniciou pelo jogo “de esconder coisas” (Detetive Júnior). Enquanto jogava, solicitou: “Clarice, eu queria que na semana que vem tu marca para a minha mãe, porque eu tô sofrendo muito lá em casa e quero que tu fale com ela”. Relatou que estava sofrendo “porque a mãe quer que eu faça coisas”. Explicou que ela queria que ele arrumasse a cama, “estender quando estrago”, secar a louça, e que ele se sentia cansado, por isso não queria fazer o que a mãe mandou: “eu estava com dor na mão, não conseguia abrir”. Também não foi à aula neste dia, porque estava com dor no braço: “a mãe disse que então não precisava ir”; perguntei como pode vir à terapia, respondeu que a dor passou na hora que terminou a aula. Eu disse a Paulo que sua mãe estava certa, senão ele continuaria sendo um bebê, ele retrucou: “não sou bebê!”; respondi que justamente por ter oito anos e não ser um bebê que ele precisava assumir tarefas dele; perguntei o que fazia sozinho, respondeu que às vezes ele tomava banho sozinho, outros dias sua mãe ajudava, era a mãe quem escolhia a roupa e o vestia, ela arrumava sua cama, guardava suas roupas. Expliquei que não estava desconsiderando o que dissera, acreditava que era um sofrimento para ele já que sentia como um sofrimento, mas era um sofrimento necessário para ele crescer. Então Paulo comentou: “já tenho pensado sobre isso, tenho pensado muito... (*sacode a cabeça*) que quando eu crescer vou ter que trabalhar”.

Paulo brincou na caixa de areia: pegou duas pontes e dois carros, cada um de uma cor, pediu que eu escolhesse a ponte e o carro que eu queria, escolhi o vermelho e ele ficou com o verde. Ele colocou as pontes (Figura 9) e disse que podíamos brincar (*exposição*), peguei o carro e o fiz andar, ele também o fez (*desenvolvimento da ação*), depois passei com meu carro pela ponte dele, e ele me falou “esta ponte é minha” (*peripécia*), perguntei “não pode?”, então o carro dele andou na minha ponte (*solução*). Logo ele disse que terminou, recolheu as pontes e os carros e recolocou no armário, perguntei que brincadeira era aquela, respondeu: “é uma missão”; então voltei a perguntar: “uma missão?”, e ele disse: “é, de lutar”.



Figura 9. Transferência: as pontes.

A seguir, fez outra caixa de areia (Figura 10): apanhou o esqueitista, fez um morro de areia para ele subir e descer, mas falou que não ia dar, então colocou as quatro bolas e o esqueitista ao centro; não brincou com isso, logo desfez e colocou no armário. Perguntei o que fizera, respondeu que “é de ficar rico... de ganhar dinheiro”.



Figura 10. O esqueitista: ficar rico.

Na sétima sessão, iniciou modelando um boneco de neve (Figura 11). Depois fez uma caixa de areia (Figura 12): pegou o Power Rangers e disse que ia enterrá-lo, puxou areia fazendo o túmulo (*exposição*). Disse que ele foi morto por um raio que caiu na sua cabeça, ele estava lutando com os malcriados que não obedecem aos outros; os paus no túmulo “era que seguram” (*desenvolvimento da ação*). Depois, começou a desenterrar o boneco e novamente começou a colocar areia sobre ele, puxava a areia com vigor e disse que era para ficar bem morto. Procurou um carro e começou a colocar areia na carroceria e levar até ao túmulo; pediu para eu ajudar a colocar a areia sobre o túmulo e dentro do carro; colocou três estacas, disse que era a placa dele (*peripécia*). Desfez o túmulo e retirou o Power e a placa e voltou a construir um monte de areia, agora ao centro da caixa: estava enterrando o raio porque eles agora viram que não foi o Power

(solução). Após, pediu para brincar com o jogo de “esconder objetos” (jogo Detetive Júnior). Durante o jogo, estava agitado, com dificuldade para se concentrar.



Figura 11. O boneco de neve.



Figura 12. O herói que luta com os malcriados e o herói morto.

Na sessão seguinte, conversei com Luciana, a qual relatou que Paulo estava deixando de usar o bico inclusive para dormir; há uma semana não urinava na cama, e que depois de nossa última conversa, ela conseguiu mudar muita coisa, estava conseguindo dizer “não” a Paulo. Ele já tomava banho sozinho, auxiliava a fazer comida e, quando pedia que a mãe alcançasse o que ele queria, ela dizia para ele ir pegar. Além disso, ele já não ficava tanto junto com ela. Paulo andava demonstrando brabeza, deu pontapés na mãe, o que a levou a lhe dar tapas e colocar de castigo. Ele saiu do castigo e ela ficou mais irritada. Paulo não queria levantar para ir à escola e eles têm ido dormir tarde por causa da televisão. Enquanto Luciana não deitava, Paulo não queria ir dormir, e Luciana reconheceu que tinha que colocar limites. Salientou que Paulo comia excessivamente, às vezes até quatro pratos no almoço, achava que era por ansiedade. De manhã não queria alimentar-se, só se fosse comida, mas a médica proibiu de dar refeição no café da manhã, pois Paulo estava com peso acima do esperado. Comentei sobre a dor no braço e falta à aula, apontei à Luciana que, se fizesse o jogo de Paulo, estaria alimentando a fantasia, a preguiça

e o ser bebê. Sobre o relacionamento do casal, Luciana comentou que não se falavam há 30 dias e que, por isso, havia um clima tenso em casa. Assinalei à mãe que se o ambiente familiar era tenso e de briga, os filhos participavam e atuavam.

A quarta série que vamos analisar abrange o material simbólico surgido da quinta à sétima sessão. Esta série inicia com a caixa de areia em que brincamos com as pontes e carros (Figura 9), retratando o processo de transferência de Paulo com a terapeuta e o modo com que Paulo vivenciava suas relações: ao reivindicar sua ponte quando a terapeuta passou sobre ela, Paulo evidenciou as relações estanques e empobrecidas, sem reciprocidade, cada um permanecendo no seu ponto de vista, consistindo as relações uma missão de luta pela sobrevivência e, ao mesmo tempo, manutenção dos aspectos doentios. No ambiente familiar, além das brigas do casal, predominavam rivalidade e disputas, especialmente entre Paulo e sua irmã Marina.

A segunda imagem é a do esquetista equilibrando-se entre as quatro bolas (Figura 10) que, conforme Paulo, “é de ficar rico... de ganhar dinheiro”. Sendo o esquetista alguém que se equilibra realizando um movimento próprio, Paulo demonstrou o quanto é difícil para ele ter autonomia, o que vem ao encontro do seu pedido – que eu conversasse com sua mãe por esta estar pedindo que ele realizasse tarefas – e as preocupações dele que, em crescendo, teria que trabalhar. Considerando que as quatro bolas são uma imagem muito semelhante a que surgiu na segunda sessão (Figura 3) – na qual eram bombas vampiras que sugavam o sangue de quem dormia dentro do castelo –, agora, tais elementos trazem uma evolução positiva, porque o ego, nesse momento, está sendo solicitado a equilibrar-se em meio às bombas em vez de permanecer na inconsciência, sugando e sendo sugado.

A terceira imagem da série é o boneco de neve (Figura 11) e representava o sentimento que Paulo tinha em relação a ele mesmo: “gordo e chato”, como referiu em uma sessão posterior, retratando sua baixa autoestima. Parece simbolizar, também, o congelamento de uma vida afetiva genuína e que só podia manifestar-se através de conduta histriônica.

A narrativa seguinte que compõe esta série é a do herói que é enterrado (Figura 12). A morte do herói que luta com os malcriados remete à luta para vencer a infantilidade de permanecer um bebê e separar-se da mãe, ao mesmo tempo em que Paulo reage sentindo-se exigido e inventando dores para fugir de suas obrigações, como ir à escola. O herói preso já havia aparecido na caixa de areia da Figura 8, na qual estava sendo comprimido, representando a reação de Paulo ao processo de crescimento, já que a mãe, conforme relatou, desde a entrevista que tivemos repensou a atitude de tratá-lo como bebê e passou a colocar limites e a solicitar atitudes mais condizentes com sua idade, fazendo com que Paulo se defrontasse com o desafio de abandonar a infantilidade e, mais do que isso, poder se desidentificar e diferenciar-se da mãe.

Segundo Jung (1999), o mito do herói é um drama inconsciente, o qual aparece somente na projeção; o herói é símbolo da libido. O herói é um ser dotado de coragem e determinação que luta para superar um obstáculo, vencer o dragão/baleia/serpente/mãe, aventurar-se numa região perigosa (fundo do mar, caverna, floresta) para encontrar o tesouro difícil de ser encontrado, ou seja, submeter-se à morte e dela renascer para uma vida mais fecunda, assim como Jonas dentro da baleia ou Hércules que se submeteu a trabalhos difíceis (Jung, 1994). Constitui a figura-modelo (um ideal, um fator de direção ou uma imagem) gerada pelo inconsciente quando a pessoa precisa adotar uma atitude heroica para vencer uma dificuldade (Franz, 2003). Psicologicamente, a luta do herói representa a luta por integrar uma atitude ou um aspecto inconsciente a sua personalidade consciente, de modo a superar uma inferioridade moral. Por inferioridade moral compreende-se algo que está faltando para que a personalidade possa assumir sua inteireza. A luta heroica implica coragem, autonomia e esforço para empreender a conquista e torna-se necessária desde o ato da criança/jovem que precisa libertar-se do mundo materno para crescer e tornar-se adulto, assim como o herói que luta com o monstro nos mitos e contos de fadas. Essa trajetória heroica precisava ser empreendida por Paulo para superar a dependência e a identificação materna. Na brincadeira simbólica da caixa de areia (Figura 12) em que o herói morre sem ter cumprido a função de inspirar o eu a se libertar da infantilidade, é um mau sinal. Demonstra que esse impulso de crescimento não está suficientemente forte para se libertar do complexo materno. O fracasso do herói aparece na atitude irrealista de Paulo em relação ao pai, que veremos a seguir.

Na oitava sessão, Paulo perguntou: “como faço para prender meu pai?” Comentou que o pai chegava em casa brigando com ele e com suas irmãs sem ter motivo para isso, e outras vezes era com sua mãe que ele brigava. Quando via o pai brigando com a mãe, “tenho vontade de pegar uma faca e enterrar na cara dele”, e acrescentou: “tu não diz que não posso... só tenho duas coisas que posso fazer: ou prendo ele ou dou uma facada nele”. Disse-lhe que eu entendia que para ele era muito difícil ver o pai brigando com sua mãe, mas cabia ao pai e à mãe resolverem o problema entre eles; que essa era uma situação difícil e que precisavam de um tempo para isso. Depois, Paulo fez uma caixa de areia (Figura 13): escolheu vários animais, foi colocando-os na caixa e fez uma casa para cada grupo de animais. “É um zoológico (*exposição*). Eles todos estão brigando (*desenvolvimento da ação*); estes estão brigando, porque querem quebrar a jaula [grupo com leões, lobo, onça pintada e tigre]; estes aqui vão dar rabada [cavalo, vaca, cachorro e canguru]; aqui são os chifrudos, vão dar chifrada [elefante, rinoceronte, zebra e pássaro]; elas estão brigando [as cobras]; o hipopótamo tá dando mordidas nela [hipopótamo e tartaruga]; este tá cantando uma música para irritar o sapo [porca e sapo; primeiro colocara a porca de costas para o sapo; quando foi comentar sobre eles, Paulo virou a porca colocando-os frente a frente]”

(*peripécia*). Perguntei, referindo a todos os bichos: “por que eles estão brigando?”, respondeu: “porque eles querem ficar junto” (*solução*). Por fim, comentei com Paulo que conversara com sua professora, que esta dissera que ele estava bem, mais interessado e se esforçando.

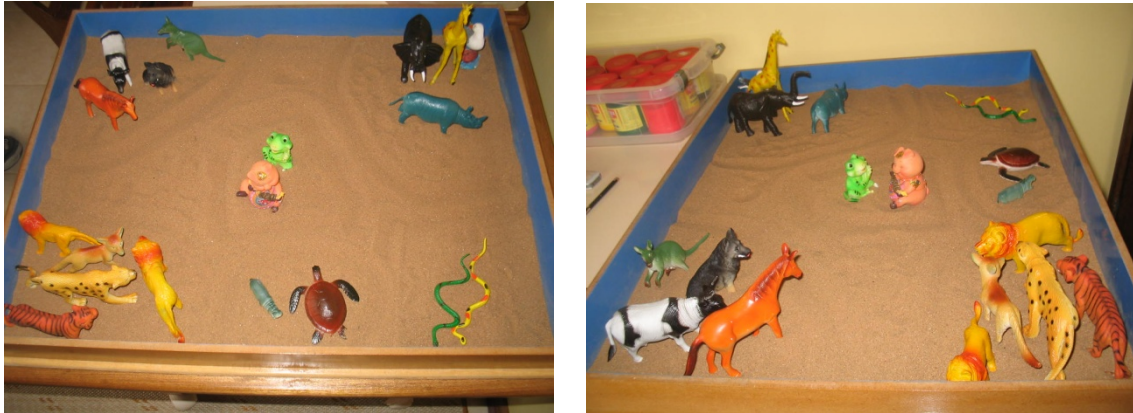


Figura 13. O zoológico: os animais brigando para ficarem juntos e a porca irritando o sapo.

Na nona sessão, Paulo montou a seguinte caixa de areia (Figura 14): fez um círculo na base inferior à esquerda e pôs sete pedras dentro dele; enquanto estava fazendo o segundo círculo na parte superior à direita, pediu que eu o ajudasse a fazer. Perguntei o que queria que eu fizesse, respondeu que fizesse um círculo – apontou para o canto superior à esquerda – e colocasse pedras ali. Ele colocou seis pedras no segundo círculo que fez e construiu um terceiro círculo na base inferior direita, onde colocou quatro pedras. Eu construí o círculo que ele orientou e pus as pedras; somente ao olhar as fotos posteriormente, percebi que coloquei cinco pedras. Depois observei que ele retirou uma das pedras do círculo que fiz, ficando este com quatro pedras. Ao concluir, Paulo respondeu que fez um museu de pedras.



Figura 14. O museu de pedras e a subtração de uma pedra.

Observei que ao se movimentar na sala, Paulo tinha um jeito desajeitado, empurrou a cadeira, esbarrou nos móveis, gemeu, parecendo com pouca destreza e pesado para movimentar-

se. Compreendi que decorria de Paulo ser um menino inativo, preso em casa, voraz na alimentação devido à ansiedade ou por ser suprido e tratado como um bebê; ao mesmo tempo, parecia reproduzir o pai em seu aspecto pesado, conforme referiu. No final da sessão, conversei com Luciana e coloquei que, no encontro anterior, ele me falara que não suportava mais as brigas do pai e que queria denunciá-lo ou agredi-lo; Luciana respondeu que foi difícil impedir Paulo de ligar para a polícia. Ela decidiu separar-se, estava tentando dizer isso a Antônio, mas não queria fazê-lo quando ela mesma estava alterada. Nos dois últimos fins de semana, Luciana ia falar com o marido, mas ele tinha bebido e estava alterado; por isso, ela achou que não tinha condições, temia que ele agredisse os filhos.

Na décima sessão, Paulo iniciou argumentando que não amava o pai: “como vou amar se ele tá sempre de mau humor e não dá nada pra gente?”. Contou o seguinte sonho: “Eu tava famoso e rico (*exposição*). Pedi para uma empregada trazer um suco, ela não quis, mandei ela embora (*desenvolvimento da ação*), ela mandou me prender (*peripécia*) e eu fiquei pobre (*solução*)”. Depois fez uma caixa de areia (Figura 15): enterrou o herói Flecha na areia (*exposição*) e sobre ele colocou três bastões. Pediu que eu o ajudasse, apanhou dois carros para carregarmos areia (*desenvolvimento da ação*). Falou que “ele morreu porque usou muito o poder dele” (*peripécia*). Logo o desenterrou e disse: “não morreu, estava desmaiado; os que fizeram isso é que pensaram que ele tinha morrido” (*solução*). Terminada a caixa, escolheu o jogo Banco Imobiliário para jogar. Durante o jogo, movimentou-se de modo pesado, atirando-se sobre a cadeira, gemendo, falando muito alto, gritando, exprimindo-se de modo exagerado e expansivo, mostrando-se histriônico – não o senti de fato envolvido.



Figura 15. O herói desmaiado.

Na décima primeira sessão, Paulo logo se aproximou da caixa de areia e disse que naquele dia ele se atrasou muito na aula, a professora colocou muitas perguntas no quadro de um texto que ela deu na outra semana. Comentou que tinha uma notícia ruim: “Meu pai está morrendo, é por causa daquela porcaria de cigarro. Ontem eu escutei ele dizer pra mãe, ele tava

tossindo muito e disse: ‘eu to quase morrendo, este cigarro tá me matando’’. Enquanto relatava essas situações, montou uma caixa de areia (Figura 16): construiu um monte com as mãos e comentou que era um castelo (*exposição*); fez uma escavação redonda sobre o monte e colocou quatro bolas (*desenvolvimento da ação*). Disse: “são bolas; delas entra um fio lá para dentro” (*peripécia*); apontou para um dos bastões em torno do castelo e disse que era o mortífero (*solução*). Não esclareceu quem morava no castelo.



Figura 16. O castelo mortífero.

Enquanto fazia a caixa, contou o seguinte sonho: “Eu, a Marina e a Carla, minhas irmãs, estávamos na escola (*exposição*) e apareceram uns caras e eles mataram todo mundo, só não mataram nós três (*desenvolvimento da ação*). Aí eu e a Marina fomos para o terceiro jogo... era um jogo... eu disse pra Marina que se protegesse. Apareceu o Batman e ele quase me matou; o Batman estava numa moto (*peripécia*). Aí fomos para o quarto período e apareceu este aqui (aponta a personagem que representa a morte) e ele matou nós três (ele e suas irmãs), nós não morremos no início, mas morremos no fim (*solução*).” Associou a escola com a em que ele e as irmãs estudavam; não sabia dizer quem eram os caras do sonho; quanto ao personagem “morte”, respondeu que era “o matador”. Ao falar da moto, comentou: “meu pai agora só quer moto”. Depois acrescentou: “ontem eu joguei o jogo da moto, ela empinava”. Disse que tinha muito medo da morte. Assistiu o filme de terror *Jogos mortais*. Após desligar a televisão, viu um espírito bem no meio do aparelho, era um primo de seu pai que morreu em um acidente de moto junto com a mulher e o filho. O espírito disse que Paulo tinha que entregar o espírito, que ele tinha que matar o pai. O espírito ficou de lhe aparecer na noite seguinte para saber a resposta, e Paulo afirmou: “eu não vou matar meu pai... eu amo meu pai”. Ele não via o espírito, só viu naquele dia na televisão, mas escutava sua voz. Logo Paulo me disse: “tem alguém fazendo isso, tem alguém fazendo todo mundo brigar”. Achava que quem está fazendo isso era a sua professora: “ela bota todas aquelas palavras no quadro e depois eu não fico bem, saio de lá e ele apareceu”. Acrescentou: “eu tenho que proteger a minha família, não posso deixar que nada



aconteça a eles”. Respondi que seu pai e sua mãe eram adultos, que eram eles quem tinham que proteger a família, mas Paulo respondeu: “eu tenho poderes especiais... minha mão ficou com uns pontos marrons”. Depois comentou que ele era um menino gordo e chato, e que não gostava de si mesmo. Sentia-se chato “porque eu incomodo todo mundo”, e que era gordo “porque como demais”. Por fim, referiu: “eu sou culpado de tudo, tudo que acontece é por minha causa”.

Na semana seguinte, voltei a conversar com Luciana. Ela relatou que Paulo, na semana anterior, queixou-se de si próprio, dizendo que “ele [Paulo] era muito chato e incomodava muito a gente e que não merecia viver, que tudo de ruim que acontecia era culpa dele”. Luciana também referiu que Paulo parou de urinar na cama, mas voltou a chupar bico – havia reduzido, mas retomou. As irmãs se queixavam ao pai quando Paulo incomodava muito, e Antônio o colocava de castigo ou mandava parar, mas não batia. Assinalei que Paulo precisava do pai como modelo masculino, e era importante que ela não denegrise o pai para ele; que era necessário incentivar a autonomia de Paulo sem deixar de se ocupar com ele, cuidar dele como um menino de 8 anos e proporcionar atividades próprias a um menino de 8 anos, como conviver com amigos, fazer outras atividades que não apenas assistir televisão e jogar ao computador. Em contato com professora, Luciana soube que Paulo estava mais participativo na escola. Os óculos não haviam sido feitos ainda; salientei a urgência disso, pois a miopia trazia dificuldades a ele, inclusive em como se sentia em relação a si próprio, fazendo com que tivesse que depender da professora e ficar sempre perguntando a ela e aos colegas. Isso baixava a autoestima dele e, ao mesmo tempo, incrementava uma atitude de demanda de atenção. Apesar desse alerta, a providência dos óculos somente ocorreu alguns meses depois.

A série seguinte abrange o material surgido da oitava à décima primeira sessão. A série inicia com a caixa de areia onde os animais brigam (Figura 13). Essa caixa é uma mandala. O simbolismo da mandala inclui as figuras dispostas concentricamente, as circunvoluções em torno de um centro, as figuras redondas ou quadradas, assim como as disposições radiais ou esféricas (Jung, 1994, p. 52). Para Jung (1994), a mandala representa “uma nítida compensação das contradições e conflitos da situação consciente” (Jung, 1994, p. 38). Na mandala criada por Paulo, no centro está o casal representado pelo sapo e pela porca em uma relação de provocação e irritação, assim como vivenciavam os pais de Paulo. A narrativa evidencia a ambivalência entre amor e ódio. Sutilmente, o menino captou o conflito: o casal brigava porque queria ficar junto, sendo esse, provavelmente, um dos motivos pelos quais a situação se arrastava congelada, e eles não encontravam uma solução para a crise conjugal, quer seja por razão utilitária ou afetiva.

Na caixa de areia seguinte (Figura 14), a imagem do museu de pedras ratifica essa condição, retratando a petrificação da família. Analisando a quantidade de pedras em cada um

dos círculos, pode-se perceber a constituição do grupo familiar até o desejo de Paulo que o pai saísse de casa: no primeiro círculo, temos sete pedras, as quais remetem à família extensa que incluía os avós maternos quando o avô ainda vivia, o qual exercia um papel paterno para Paulo e apoio financeiro e moral à família, pois residiam nos fundos da casa dos avós. As seis pedras do terceiro círculo retratavam a situação da família com a perda do avô, que morrera quando Paulo tinha 5 anos. Inconscientemente, construí o círculo designado por Paulo com cinco pedras, número dos membros da família primária de Paulo; depois, observei que ele próprio retirou uma das pedras desse círculo, o que associei com o seu desejo de retirar o pai de casa, quer denunciando-o à polícia ou dando-lhe uma facada, o que ele abordara nesta sessão em que construiu a caixa. O quarto círculo montado por ele já continha quatro pedras; ao retirar a quinta pedra do outro círculo parecia ratificar esse desejo.

Na narrativa seguinte, há o sonho em que, compensatoriamente aos seus sentimentos de desvalia e baixa autoestima, ele estava famoso e rico, mas acabou preso e pobre ao despedir uma empregada que não o atendia. Vemos, através da empregada, o aspecto preguiçoso e escapista de Paulo, que não queria fazer esforço e se sentia impotente, reproduzindo seus pais, que não faziam o esforço necessário para transformar a situação que viviam.

Em sequência, temos a narrativa protagonizada pelo herói-menino Flecha (Figura 15), filho do herói Incrível e da heroína Mulher Elástica, o qual possui os mesmos poderes que seus pais e até consegue salvá-los quando estão em perigo. Tratava-se da projeção de Paulo frente à problemática dos pais, querendo ele próprio proteger a família, conforme referiu, bem como dar uma solução às brigas prendendo ou matando o pai para salvar a mãe, mas que também gostaria de salvar o pai de morrer por causa do cigarro. Aqui vemos a ambivalência entre amor e ódio: ao mesmo tempo em que queria matar o pai, a quem dizia que não amava, porque estava sempre de mau humor e não lhe dava coisas, temia que este morresse pelo cigarro. O conflito decorria da identificação com a mãe e do contágio psíquico, assumindo os sentimentos dela em relação ao marido, como vimos anteriormente. O Flecha representava a fantasia de ter poderes, de modo a resolver uma situação tão grave, mas o herói acabou sendo enterrado, porque Paulo não suportava os sentimentos de culpa suscitados pelo desejo de morte ao pai. Por outro lado, matar o pai era optar pela mãe; significava matar o masculino e ficar com o feminino, e isso representava para Paulo uma grande ameaça e um conflito.

A narrativa do castelo mortífero (Figura 16), o sonho com o Batman, assim como a visão do espírito que pedia a morte do pai, retratava como Paulo estava se sentindo ameaçado e impotente para lidar com as situações, tanto na família quanto na escola. O sentimento de culpa pelo desejo de morte ao pai e a fantasia de punição também surgiram na imagem do Batman-pai que veio em uma motocicleta para matá-lo. Pelo sentimento de impotência, compensava

fantasiando que tinha muitos poderes, mostrados “pelos pontos marrons” em sua mão, de modo a poder suportar o sofrimento e lidar com sua baixa autoestima; ao mesmo tempo, ele projetava na professora suas dificuldades para não ter que assumi-las. Enquanto o casal mantinha-se paralisado na crise conjugal, os filhos ficavam à deriva e desatendidos em suas necessidades; os pais não colocavam limites e permitiam que o menino assistisse filmes impróprios a sua idade, incrementando os medos e a fantasia; os óculos também não foram providenciados assim que foi diagnosticada a necessidade, embora fosse imprescindível para que Paulo pudesse aprender e não tivesse agravada sua baixa autoestima.

Na décima segunda sessão, Paulo respondeu que estava bem, que sua semana foi boa; falei que sua mãe dissera que ele estivera triste, respondeu que sim, por ele ser chato. Referiu a si como burro, e também que era muito fuxiqueiro. Comentou que suas irmãs o irritavam muito, eram muito mimadas, faziam o que queriam, podiam sair e ele não, não podia nem brincar com seus amigos. Contei que sua mãe dissera que o pai não batia nele, respondeu que batia sim, dava chineladas. Paulo propôs a brincadeira de achar o tesouro escondido. Escondeu um baú no armário e criou a brincadeira, dizendo o que devíamos fazer, dizer e como agir; colocou uma escada no meio da sala para ser uma divisão de ambientes e uma passagem; era para procurarmos muito, não era para eu abrir a porta onde estava o tesouro, somente ao final e quando ele dissesse. Depois de procurarmos bastante, ele propôs que eu tentasse enganá-lo, pegando o tesouro para mim e dizendo que não estava ali.

Por fim, pediu que eu lhe desse um dos heróis (bonecos) do consultório; respondi que precisava para o meu trabalho e que já tínhamos falado sobre isso; ele insistiu, tentou a “sedução”, deitando a cabeça em meu colo, depois me puxou pela blusa dizendo: “ah, me dá!”, e por fim me ameaçou: “Se tu não me der, eu nunca mais vou vir aqui”. Respondi que ali não havia espaço para chantagem nem manipulação. Posteriormente, enquanto eu conversava com sua mãe, Paulo levou para casa, escondido, vários heróis, devolvendo-os na semana seguinte, instado pela mãe.

Na décima terceira sessão, ao chegar, Paulo buscou chamar atenção com atitude histriônica, jogando-se ao sofá e respirando com sofreguidão, dizendo-se cansado. Quando Paulo ia entrar na sala de atendimento, Luciana lhe disse em tom bravo e de repreensão: “tu te comporta!”; Paulo entrou na sala cambaleando e revirando os olhos com o mesmo objetivo. Ao iniciarmos o atendimento, Paulo referiu-se ao pai dizendo “o miserável do meu pai”, e contou a irritação do pai que queria usar o computador e os filhos estavam usando: o pai empurrou o teclado e o mouse derrubando-os e dizendo que ninguém mais ia usar. Enquanto nós dois jogávamos o Jogo da Vida, Paulo levou a mão à areia e começou a alisá-la, depois ele pediu para apanhar o boneco-homem; ficou jogando e brincando com o boneco simultaneamente, de início

o movimentou como se fosse o boneco quem jogava. Paulo fez um monte na areia, tirou os sapatos do boneco e disse: “eles vão ficar secando na areia”. Iniciou tirar a camisa do boneco, me olhou ligeiro e desistiu. Levantou-se e falou com outra voz, como se fosse o boneco: “eu vou tomar banho”. Levou-o para trás do sofá e tirou a camisa do boneco, estava dando banho nele. O tom de voz do boneco era de homem animoso, irritado e desrespeitoso. Paulo vinha com o boneco na hora de fazer a jogada e retornava para trás do sofá enquanto eu jogava. Em um momento em que aguardou eu jogar, baixou a calça do boneco até a metade da coxa e me olhou de modo provocador, querendo ver minha reação. Foi para trás do sofá e gritou: “eu tô fazendo cocô”, e o boneco reclamou do próprio cheiro e que era nojento (o tom e as atitudes me passaram o sentimento de alguém perverso e destrutivo, que agredia e de modo prepotente buscava dar ênfase ao estava fazendo, como se sentisse satisfação por isso). Depois o boneco me mostrou a bunda, estava inclinado e com a calça abaixada, e Paulo disse: “pergunta para ele por que ele tá te mostrando a bunda”. Fiz a pergunta, o boneco escondeu-se rapidamente emitindo uma exclamação, como se não tivesse se dado conta do que estava fazendo. Paulo parou de jogar, queria só brincar com o boneco. Iniciou uma caixa de areia (Figura 17): apanhou duas bonecas e uma vassoura para limpar uma sujeira que o homem fez (*exposição*). Pediu que eu fizesse a voz da boneca, dizendo-me o que deveria falar. Uma das bonecas queria namorar o homem, a outra era amiga dela; o diálogo inicial entre as duas foi sobre isso. A fala do homem foi pretensiosa e de pouco caso, dizendo “vou sair com umas mulheres!”. Quando ele se aproximou, as duas se assustaram, caíram para trás, tiveram dificuldade de se recompor por ficarem muito atrapalhadas, tentavam levantar e caíam. Quando se levantaram, o homem empurrou e chutou uma delas, e Paulo passou a vassoura sobre o pé do homem e fez barulho de escarro. Uma das bonecas ficou com o vestido erguido, saiu correndo e foi esconder-se para arrumar a roupa; Paulo a deixou ali e brincou com a outra. O diálogo, então, era entre a outra boneca e o homem, e ela disse que a amiga queria namorá-lo. Tomei a iniciativa de fazer a voz do boneco perguntando por que ela queria namorá-lo, e Paulo enfatizou: “eu sou o homem”. Perguntei com o tom de voz da boneca e ele respondeu: “porque ele é homem, sua burra!”. Depois Paulo retirou a boneca da caixa de areia, pegou a vassoura e fez que limpava o lugar onde ela estava, emitindo uma expressão de nojo; entendi que expressava que ela fez sujeira ou cocô. Em seguida, falou em tom irritado: “cadê a sua bota?”, ficara sob a areia; recolocou a boneca na areia e a fez afundar, e então Paulo disse: “é areia movediça”, e a boneca ficou enterrada até o pescoço. A amiga foi ajudá-la e terminou afundando também; o homem entrou na caixa para ajudar, mas não fez nada (*desenvolvimento da ação*). Paulo enterrou as duas bonecas totalmente, buscou uma pá para colocar mais areia, depois começou a retirar a areia. Retirou a primeira boneca e a deitou dentro da caixa; a amiga tentou sair da areia, levantou-se e se afastou do monte e Paulo disse: “ele tem

poderes”, e começou a jogar areia na boneca com a mão, perguntei: “que poderes ele tem?”, respondeu “de magnetismo”. Ficou jogando areia na boneca, que ficou tentando levantar-se e caindo por causa da areia que lhe era jogada (*peripécia*). Paulo largou o boneco e recolocou a que queria namorá-lo no monte junto com a amiga; elas ficaram afundando e saindo de modo saltitante. Perguntei o que estava acontecendo, respondeu “elas estão brincando”. Depois, ele segurou cada boneca na mão e colocou areia sobre elas (Figura 17), e eu tive a impressão que ele estava tomado por um desejo de sujar (*solução*).

Anunciei que faltavam cinco minutos para o término; quando se esgotou, ele pediu mais cinco minutos. Respondi que não, pois tinha outro paciente e ele, então, ao devolver as bonecas ao armário, as fez chutar outros bonecos (soldados). Paulo perguntou se podia estragar o que estava no armário, respondi que não, que o brinquedo era na caixa de areia, então ele parou.



Figura 17. O namoro e o desejo de sujar.

Na décima quarta sessão, Paulo apanhou as bonecas e o boneco, disse que uma era dele e a outra era minha (*exposição*). A boneca dele recebeu o nome de Bruna e a minha, de Verônica. Ele brincou com as duas na caixa de areia (Figura 18). Primeiro, a Bruna comentou como o homem era bonito, estabelecemos um diálogo sobre isso e Bruna respondeu gritando e em tom irritado, chamando Verônica de “sua idiota!”. Perguntei por que ela estava gritando tanto, respondeu “por causa da bunda dela”. Paulo estava tentando abaixar seu vestido – perguntei “como assim?”, ele riu e não disse nada. Paulo fez um monte de areia movediça e pôs Bruna quase toda enterrada, a seguir também colocou Verônica na areia, disse que elas estavam afundando na areia movediça. Ele pegou o boneco e o fez subir e escorregar sentado sobre o monte, atropelando as bonecas, que ficaram caídas. Ele sentou o boneco na areia, refez o monte e recolocou as bonecas nele (*desenvolvimento da ação*). Novamente ficaram presas na areia movediça, e Paulo propôs que nós nos escondêssemos abaixados, nos levantássemos aos poucos e dissêssemos à Bruna e à Verônica que saímos da água para salvá-las. Levantamos, ele disse para eu falar a elas, o fiz e ele agora sussurrou para mim: “vamos enterrá-las, tá? Nós dissemos

que vamos salvar, mas vamos é enterrar!”, respondi a ele que não podíamos enganá-las, viemos para salvar. Ele prosseguiu na proposição dele, aumentou o monte com areia e as enterrou totalmente num monte bem grande, depois começou a desenterrar tirando aos poucos a areia que estava sobre elas; ficou submergindo-as na areia e retirando (*peripécia*). Apanhou as bonecas e falou que elas eram irmãs, olhou para as duas segurando-as lado a lado e disse “elas não parecem gêmeas”, logo sussurrou: “elas parecem um casal *gay*!” (*solução*). Perguntei o que ele achava de um casal *gay*, e Paulo respondeu que não queria falar sobre isso.

Paulo lembrou e me disse: “outro dia eu pensei: será que a Clarice brinca comigo de jiu-jítsu? Vamos brincar? É de gestos de mãos”. Propôs que ele seria o professor e ia me ensinar. A sala foi dividida com a escada e eu devia chegar para a aula. Recebeu-me como professor, explicou os gestos, o fez com calma e seriedade. Depois, eu tinha que dizer “jiu-jítsu: mente e cérebro” e aí ele ia entrar no meu corpo. Após eu fazer o proposto, ele caiu de joelhos ao chão e falou que estava vendo através do meu corpo, via um osso grande na minha perna. Depois, perguntei a ele com quem ele poderia brincar de jiu-jítsu, respondeu que não tinha com quem brincar. Questionei: “e teus amigos?”, falou: “não tenho amigos” e acrescentou que só na escola e só no recreio poderia brincar. Pedi para trocar de brincadeira, queria jogar. Pegou o mosaico de figuras geométricas e dinheiro e propôs construirmos; quem conseguisse construir, ganhava dinheiro; somente eu ganhei, pois o que ele construiu caíra, então deu-me várias notas sem contar e sem atribuir um valor determinado.

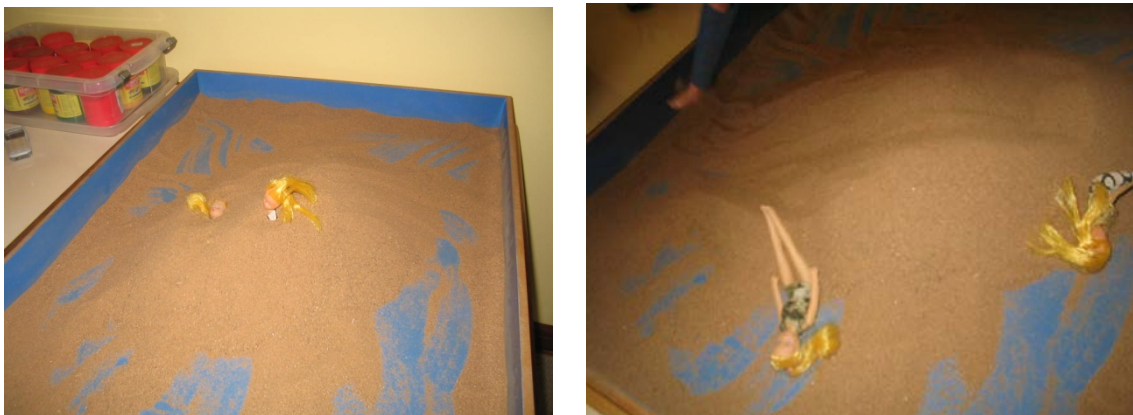


Figura 18. Areia movediça e o atropelamento.

A seguir, Paulo fez uma brincadeira com as figuras geométricas (Figura 19): colocou um balanço de praça infantil e um computador dentro da caixa de areia junto com as figuras geométricas; os círculos eram o rei, a rainha e o filho; as peças retangulares eram soldados (*exposição*). Paulo falou que os soldados deviam ficar em fila, enfileirou um atrás do outro com espaço entre eles. O rei veio e gritou de modo ríspido e autoritário com os soldados, dizendo que todos deviam abaixar-se, depois deu outras ordens gritando (*desenvolvimento da ação*). O filho

saiu correndo e foi esconder-se dentro da caixa do jogo de figuras geométricas que estava sobre a mesa e de lá gritou para a mãe que estava com medo do balanço, não sabia o que era. Fiz a voz da rainha, dizendo que era apenas um balanço e que não precisava ter medo, mas o filho continuou gritando, gritou muito. Paulo pegou a rainha e esta gritou com os soldados, dizendo para retirarem o balanço e o computador; a rainha continuou gritando muito e de modo ríspido (*peripécia*). Paulo apanhou as bonecas que deixara fora da caixa de areia e elas recomeçaram a gritar, não se conseguia entender o que diziam, eram vocalizações e gritos histéricos (como “aahh!”), saltos, quedas e afundamentos na areia. Paulo ficou manuseando as bonecas e gritando, o manuseio era mexer suas pernas e braços, apertá-las. Paulo jogou a Bruna dentro da caixa do jogo de figuras geométricas e começou a mexer na Verônica, retornou com ela para a caixa de areia, afundou na areia, retirou e fez caminhar, Verônica também gritava (*solução*). O horário terminara, pediu mais cinco minutos, depois voltou a pedir mais dez minutos, disse-lhe que não havia mais tempo.

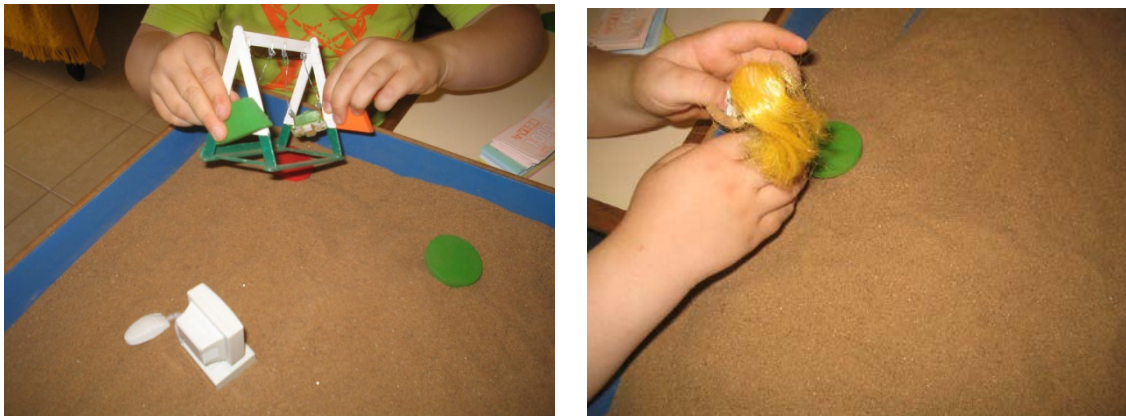


Figura 19. Medo do balanço e o coito.

Na semana seguinte, falei com Luciana. Ela disse que antes Paulo era a criancinha da casa, agora ele deu uma amadurecida, estava mais independente nas atitudes, mais seguro, “não está tão ‘nhe-nhe-nhe’... consegui tirar o bico dele”. Ele próprio arrebentou o bico e colocou no lixo; havia cerca de uma semana que ele não brigava para sair da cama e não estava urinando na cama enquanto dormia. Perguntei o que ela queria dizer quando recomendou a Paulo “tu te comporta!”, antes dele entrar na sala na semana anterior. A mãe respondeu que ele andava aprontando muito, mas foi evasiva quanto ao que ele aprontava. Disse que sempre que podia, quando saía, ao retornar levava bala, bombom ou bolacha para os filhos. Dias atrás, brigaram ao repartir; quando deixava de levar, Paulo brigava, ameaçou que, se não levasse, não ia mais amá-la. Luciana pensou se estava agindo errado, e me perguntou o que eu pensava sobre isso. Questionei o que a fazia levar, e a resposta foi: “para fazer agrado... pra compensar outras coisas”, deu a entender que era para compensar o que o pai não fazia. Respondi que a atitude de

Paulo era chantagem e manipulação, e se ela levava para agradar, a atitude dela não seria diferente, com o que concordou. Conversou com o esposo sobre a necessidade de Paulo usar óculos, mas ele não quis comprar. Convidou o marido para vir conversar comigo, disse-lhe que ele entenderia melhor se viesse, e ela argumentou: “eu estou entendendo mais as crianças depois que comecei a vir aqui”. Disse que “ele acha que os filhos não precisam de atendimento psicológico, que isso é coisa da minha cabeça”. Assinalei que no material do Paulo apareciam atitudes de muita irritação e até de maus-tratos, e perguntei de onde ela achava que vinha isso. Respondeu que vinha do pai, Paulo queria mandar nas irmãs, queria ser o homem da casa. Questionei qual era a parte dela nisso, referiu que ela também tem brigado: “ando me policiando, mas foge do meu controle, eles até me dizem: ‘mãe, tu já vem gritando’, eles perguntam alguma coisa e já estou gritando, não tenho tido paciência... Eu te falei que não estou bem, estou me sentindo ruim com meu marido”. Fazia dois fins de semana que o casal brigava, ele quis ter relação e ela não aceitou, no dia seguinte ele novamente tentou e brigou por isso. Durante o dia ele bebeu, “foi uma discussão horrível”, ele a cobrou e ela cobrou dele; respondeu de modo impreciso o que o marido cobrou.

Na décima quinta sessão, ainda na sala de espera, Paulo me disse que precisava contar-me algo, mas tinha que ser a sós. Contou-me que sua mãe ingeriu comprimidos para dormir e não conseguiam acordá-la, seu pai e sua irmã a colocaram embaixo do chuveiro e ela não acordou; ele e suas irmãs choraram muito. Agora ela não o estava mais levando à escola, sua irmã é quem o levava, pois a mãe não podia ficar sozinha. Disse-lhe que eu terminaria mais cedo com ele para conversar com ela a respeito disso.

Paulo brincou na caixa de areia (Figura 20 e Figura 21): montou um castelo e quatro edifícios, encheu um caminhão com areia e transportou para outro lugar; dos personagens que separou, escolheu três: o de roupa cor de laranja era Robin, o de roupa azul era Mateus e o de roupa roxa era Andy (*exposição*); eles começaram a pular e a se enterrar na areia, Paulo disse que ali era “aquele lugar frio... a neve”. Em determinado momento, enterrou os três juntos, cobrindo totalmente com areia, depois subiram sobre o castelo e começaram a saltar e se afundar na areia, gritavam enquanto se atiravam e se afundavam na areia. Ainda gritando de modo histérico, começaram a derrubar os prédios). Perguntei quem eles eram, e Paulo respondeu que eram os quebradores; apanhou montes de areia e colocou sobre o castelo, depois virou o castelo que já estava caído (Figura 20). Eles eram irmãos. Os personagens brigavam entre si e um batia no outro. Perguntei o que estava acontecendo, Paulo respondeu que eles se odiavam. Enterrou os três, cobrindo-os com um monte de areia/neve; retirou-os do monte, eles lutaram entre si, um enterrou o outro na areia, que ficou com a cabeça coberta e o corpo de fora. Paulo levantou o prédio verde, os irmãos voltaram a derrubá-lo; a luta ocorria ora diretamente entre os



personagens, ora com eles jogando os prédios de um lado para outro dentro da caixa. Veio um coelho: primeiro, ele se escondeu atrás de um prédio, depois subiu nele e disse que tinha poderes, desfez dos três de modo desafiador. Paulo apanhou uma escada vermelha e apoiou no prédio vermelho, Mateus subiu e atirou-se dali; os irmãos continuaram se enterrando e saindo da areia/neve. Veio um tubarão que andou atrás do Robin, Paulo falou que o tubarão era o Robin que se transformava em tubarão (*desenvolvimento da ação*). Robin levantou os prédios e os reorganizou (Figura 20), apoiou a escada no prédio verde e subiu, o tubarão ainda andou atrás dele, depois Robin veio até os outros dois que estavam juntos e gritou que os odiava, porque o tratavam como um bebê; depois, ele chutou todos os prédios, derrubando-os. Mateus e Andy também foram derrubados. Depois, Robin ficou doente, Mateus e Andy pegaram um carro para levá-lo para o médico (*peripécia*). Andy foi para trás do castelo junto com Robin, o qual ficou no médico. Mateus deitou-se na areia, Robin e Andy vieram, falaram com ele e ele não respondeu, aproximaram-se perguntando o que houve), mas Mateus continuou não respondendo, e então os dois saíram gritando “ambulância”. Mateus levantou-se e disse: “enganei eles” (Figura 21) (*solução*).



Figura 20. Destruição da cidade e o Robin tubarão.

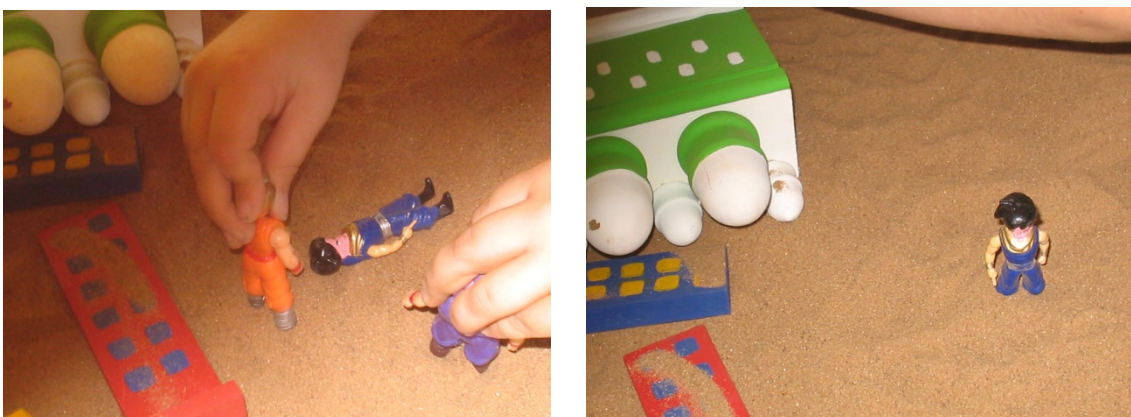


Figura 21. Engodo e a manipulação.

No final, conversei com Luciana sobre o que ocorreu. A mãe disse que queria falar com o esposo sobre a separação, mas ele não quis; brigaram e ele a acusou de traição. Estava sentindo-se mal, a cabeça ficou confusa, queria dormir e não conseguia. Ingeriu três comprimidos de Rivotril, mas não dormiu, então ingeriu as duas cartelas inteiras, em um total de 25 comprimidos. Primeiro, disse que o fez porque queria dormir; depois, colocou que queria morrer, estava pensando em seu pai, pensou que se ela morresse o marido ia ter que assumir os filhos. Questionei se não pensara nas consequências do suicídio, de como seus filhos ficariam; ela voltou a dizer que não sabe o que lhe deu, parecia que não era ela mesma. Enfatizei a necessidade de ela buscar uma psicoterapia para tratar-se.

Esta última série contempla o material simbólico surgido da décima segunda à décima quinta sessão. Inicia com a brincadeira do tesouro escondido. A partir dessa brincadeira, desvelou-se a perversidade nas relações e um possível encaminhamento da personalidade de Paulo nesse sentido. Pedindo para ser enganado ao final da brincadeira, suscitou a questão de precisar ser enganado para que a perversão apareça justificada. Pela identificação, Paulo reproduz a vivência dos pais, na qual o sentimento de ser enganado foi decisivo: segundo Luciana, a situação do casal complicou-se quando o marido passou a suspeitar de que ela o traía com outros homens; desde então as brigas e os xingamentos iniciaram. À própria concepção de Paulo sucedeu o sentimento do pai de ter sido enganado, além de a mesma ocorrer mediante a vivência de uma sexualidade perversa, através do sexo forçado, mas também pela recusa da sexualidade na relação conjugal.

As narrativas presentes nas brincadeiras nas caixas de areia com as bonecas e o boneco (Figuras 17 e 18) mostram a relação perversa entre o homem e as mulheres, baseada em uma sexualidade utilitária e/ou em uma visão pervertida da sexualidade, estando esta associada à sujeira e à postura cafajeste do homem em relação à mulher, predominando a agressividade nele e a conduta histriônica da mulher frente à sexualidade. Paulo reage a esse imaginário ou prática sexual perversa presente no casal, e também como produto da mesma, em um desfecho que traz a impossibilidade de uma relação heterossexual em *status* de igualdade entre o homem e a mulher, em que cada um pudesse expressar-se como realmente é. A cena final da caixa de areia com as figuras geométricas (Figura 19), permeada pelo medo e pelos gritos, e que culmina com as bonecas gritando histericamente, simboliza a imagem que Paulo tem do coito, provavelmente uma representação do coito dos pais ou como este é sentido pela mãe.

É provável que o tesouro que o baú continha e que era preciso ser descoberto na terapia era o fato de a personalidade de Paulo estar sendo construída sobre bases falsas, que o levavam à construção de um falso-*self*: parece que a Paulo estavam sendo proporcionadas duas possibilidades de identificação, como dois modelos de construção de identidade na vida adulta;

se ele assumir a identificação com o masculino e adotar a masculinidade, será como o homem retratado na caixa de areia (que representava a imagem que a mãe tinha dos homens e/ou a imagem que o pai representava); se assumir a identificação com o feminino, poderá apresentar uma personalidade histriônica ou assumir a identidade sexual feminina, tornando-se *gay*, como se declarava na escola. A reprodução, por parte de Paulo, da atitude histriônica e da manipulação da mãe ficou demonstrada desde o modo em que chegou ao consultório, atuando sentir-se mal, pela provocação com o boneco despido, assim como na tentativa de conseguir os heróis que ele queria.

Ao me propor a brincadeira de jiu-jítsu, pensada num momento em que ele estava em sua casa e não durante a sessão, ficou evidenciado que Paulo era um menino sozinho, criado dentro de casa com as irmãs, a mãe e a avó, não lhe sendo oportunizadas experiências mais condizentes a favorecer seu desenvolvimento, como o convívio com seus pares, restando a Paulo permanecer misturado e identificado com a mãe, reproduzindo os conflitos dos adultos e rivalizando com as irmãs para poder diferenciar-se. Na caixa de areia com as figuras geométricas (Figura 19), vemos uma criança medrosa e infantilizada que necessita do reassseguramento da mãe para enfrentar até mesmo as atividades infantis, em um contexto dominado pelo autoritarismo e pela irritação. Ao mesmo tempo, vemos que Paulo não suportava limites, o que mostrou quando pediu mais tempo na sessão e, por não obtê-lo, atuou chutando os bonecos através das bonecas que estava devolvendo ao armário.

A última narrativa da série (Figuras 20 e 21) traz a destruição da cidade e é condizente com a tentativa de suicídio da mãe ocorrida naquela semana: os personagens destroem o próprio cenário de atuação, assim como a mãe esteve em vias de destruir a si mesma e, com isso, a família. Essa destruição foi prenunciada através da imagem do vulcão (Figura 6). No presente cenário, constata-se a destrutividade da problemática familiar através da imagem do tubarão, e demonstra que o contexto era frio tal qual a neve, o que simbolizava um congelamento da situação, a qual se revelava estática e paralisada: a tentativa de suicídio, em vez de uma saída que promovesse o crescimento e a transformação, indicava um retrocesso e um agravamento para a situação de Paulo; tentar suicidar-se era também uma atitude perversa, pois não considerou o sentimento dos filhos. Segundo a mãe, quando tentou o suicídio, ela estava pensando em seu pai, e o fez para que o marido assumisse os filhos. Em entrevista anterior, Luciana relatou que sempre comparou o marido ao seu pai, e ressentia-se de seu esposo não ser como ele. Com isso, ratificava tratar-se de um feminino que permaneceu na condição de filha e infantilizada, o que havia sido retratado no símbolo das árvores junto com uma cabeça de menina (Figura 1). Permanecendo na condição de filha e buscando no esposo essa relação, a sexualidade precisava ficar excluída, não podia ser vivida.

Na cena com os três irmãos, Robin, Mateus e Andy (Figura 20), na qual Robin derrubou os prédios e agrediu seus irmãos porque o tratavam como um bebê, podemos considerar a agressividade como uma defesa frente à infantilização, o que teria um caráter positivo, se não houvesse o fato da identificação psíquica com os pais, tornando-a também um sintoma reativo, porque essa contaminação motivava uma generalização da agressividade para as demais situações de vida, inclusive no modo de manifestação da sexualidade. A saída proposta na narrativa – Mateus enganar os irmãos fingindo que estava desacordado – é também destrutiva, porque era manipulação e ratificava o caráter histriônico: ainda que inconscientemente, Paulo compreendeu a tentativa de suicídio da mãe como uma manobra manipulativa, assim como mostrou nesse final da encenação na caixa de areia (Figura 21).

Depois de alguns meses, Luciana aceitou o encaminhamento para terapia que fizemos para ela, e começou a tratar-se. Paulo prosseguiu o tratamento psicoterápico.

## CAPÍTULO IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento psíquico é um processo contínuo que se dá ao longo da vida do indivíduo, e dele participa não apenas o próprio sujeito, antes se insere em toda a história dos seus antepassados e da própria cultura. Desde antes do nascimento e até da concepção da criança, a história de vida de seus pais, seus desejos, sentimentos, seus projetos e seu psiquismo estão traçando, impulsionando e mesmo delimitando a subjetividade e possibilidades para a vida que se inicia, influência que será maior ou menor dependendo das tendências inatas da criança. Os conflitos psíquicos podem surgir desde muito cedo, com influências arquetípicas, história pregressa de seus antepassados, questões inconscientes não resolvidas pelos pais, assim como provenientes da constituição inata do sujeito.

Sendo o pensamento fantasia a modalidade de pensamento da criança, o brincar simbólico constitui o modo com que podemos acessar seu mundo subjetivo e ajudá-la a reorganizar-se. Mediante a brincadeira simbólica, a criança expressa sua vivência e seus conflitos, constituindo um importante instrumento na psicoterapia, possibilitando ao terapeuta conhecê-la e empreender os recursos ao tratamento. Ao mesmo tempo, através do brincar simbólico, a criança dá um sentido acerca de sua vivência para si própria, criando condições a sua elaboração. Embora a criança não perceba esse sentido, ao trazê-lo para o externo e comunicá-lo ao terapeuta mediante a imagem ou narrativa, o entendimento que este faz do conteúdo conflitivo retroage ao inconsciente da criança, agindo como força catalisadora à transformação, pois, segundo Jung (2000b), o que permanece no inconsciente encontra-se na qualidade de material bruto, um conteúdo somente pode ser transformado na consciência. A relação transferencial e a personalidade do terapeuta igualmente contribuem para o processo terapêutico, possibilitando novas identificações.

Por outro lado, a família exerce influência determinante no estado psíquico da criança; pela identificação psíquica, as dificuldades e complexos dos pais atuam sobre a criança, constituindo, invariavelmente, a causa de sua neurose. Desse modo, a psicoterapia da criança implica a participação dos pais, possibilitando a eles a reflexão acerca de suas próprias dificuldades e a busca dos recursos necessários para sua superação. Ao comunicar-se pela brincadeira simbólica, a criança dá elementos ao terapeuta para que ele possa trabalhar com a família o que na experiência desta está gerando a neurose da criança.

No caso clínico analisado, vimos que os símbolos expressos mediante a brincadeira simbólica na caixa de areia, além dos desenhos, pinturas e modelagens realizadas por Paulo,

interpretados a partir do contexto de sua história pessoal e familiar, possibilitaram compreender que sua conflitiva referia-se à construção de sua identidade sexual e à sexualidade de seus pais, retratada na problemática do casamento do casal. Ficou evidenciado que os complexos familiares eram a causa determinante dos conflitos, e que alguns desses complexos eram transgeracionais, como, por exemplo, o que predominava na relação conjugal, pois o ciúme e desconfiança de traição reproduziam-se na família desde o avô paterno: Antônio não foi criado por seus pais, que tiveram várias separações devido aos ciúmes, culminando em uma separação definitiva quando Antônio tinha 10 anos, e ele agora atualizava esse conflito reproduzindo com sua esposa. Outro complexo familiar decisivo foi o desejo da mãe que Paulo fosse uma menina, fazendo com que ela, inconscientemente, o criasse como uma menina, complementado pela rejeição do pai, ocasionando uma dificuldade para que Paulo pudesse identificar-se com o masculino e se mantivesse emocionalmente identificado com a mãe. À medida que a mãe promovia a construção de uma identidade distorcida e irrealista, já que Paulo não era a menina que ela imaginava, gerava uma inferioridade moral em Paulo. Vimos que o fato de a mãe o criar como uma menina era causa de toda a problemática sexual que atravessa o caso; é evidente que isso estava ligado ao problema sexual da mãe, concretizado nos problemas do casamento; desse modo, a mãe provocava no filho uma situação de perversão sexual: pervertia a sexualidade do filho na medida em que o criava como uma menina e denegria a imagem do masculino na relação com o pai ou na possibilidade da relação com outro homem.

A partir da terapia, constatou-se algum progresso no desenvolvimento emocional de Paulo que, segundo Luciana, estava amadurecendo e abandonando atitudes muito infantilizadas, como chupar bico e ser dependente da mãe nos cuidados próprios, como banhar-se e se vestir. Luciana aderiu à terapia e conseguiu rever algumas atitudes que incrementavam a dependência e infantilização de Paulo, favorecendo a melhora. Por outro lado, apesar da adesão ao tratamento de Paulo, uma mãe que busca resolver suas dificuldades mediante a tentativa de suicídio impõe limites à terapia, obrigando que o tratamento siga um ritmo mais lento e de extrema cautela na abordagem relativa à participação da família na problemática. Antônio não aceitou comparecer à psicoterapia de Paulo, embora a terapeuta fizesse contato telefônico explicando essa necessidade face à gravidade da situação e disponibilizando-se a recebê-lo no final de semana, já que argumentava não ter tempo devido ao trabalho.

Os conflitos individuais que cada um dos pais vivenciava desde sua história pessoal, e que resultavam em conflito conjugal, eram significativos e demandavam uma terapia para eles próprios para que a situação familiar pudesse ser transformada, mas apenas a mãe aceitou tratar-se após sua tentativa de suicídio, ocasionando que a terapia de Paulo ocorresse lentamente e não alcançasse os resultados necessários, já que sua problemática provinha dessa conflitiva familiar.

A neurose também impedia que Paulo demonstrasse suas potencialidades; o que aparecia eram as faltas a serem superadas, como a inabilidade para conviver com outros, o sentimento de incapacidade para brincar e jogar bola com seus pares, para cuidar de si próprio e de ter autonomia, por exemplo. Considerando essas necessidades de desenvolvimento e a importância de sua socialização, encaminhamos Paulo para participar de um projeto esportivo em uma escola da comunidade e, em paralelo, Luciana fez alguns esforços para aproximá-lo do convívio com outras crianças. Porém, a situação do casal era grave e, não enfrentada, representava um obstáculo para uma melhor evolução de Paulo; nessas condições, compreendemos que o prognóstico era desfavorável, pelo menos naquele momento. Pelas identificações que lhe eram proporcionadas, ele tendia a apresentar dificuldades para lidar com o feminino na vida adulta, quer se resolvesse por uma identidade masculina ou por uma identidade feminina, a menos que o grupo familiar pudesse rever suas próprias representações.

A prática de supervisão de caso com um profissional mais experiente, com conhecimento técnico aprofundado e não envolvido diretamente na relação transferencial é de relevância na clínica, proporcionando que o terapeuta, no diálogo com o supervisor, reflita e integre a teoria com a prática e perceba sentimentos contratransferenciais, contribuindo para uma melhor condução do tratamento e para a qualificação do terapeuta. No caso analisado, a supervisão foi fundamental, não apenas por favorecer maior entendimento dos dados clínicos e da profusão de símbolos que emergiam a cada sessão, mas como respaldo aos sentimentos que suscitou face à gravidade da situação de Paulo e da família e, principalmente, à tentativa de suicídio da mãe quando a terapia ainda se iniciava, implicando um atraso e uma paralisia a uma possível solução da problemática familiar.

Com este estudo, busquei aprofundar meu entendimento acerca da função do símbolo no processo terapêutico, enquanto fator regulador e curador do psiquismo, ao mesmo tempo em que resgatei minha prática em psicoterapia infantil com orientação na Psicologia Analítica. A importância de estudos que aliem teoria e relatos de prática é contribuir para que a psicologia possa estar constantemente se atualizando, tendo em vista as transformações sociais, os problemas contemporâneos e especialmente os novos arranjos familiares com implicações relevantes para o desenvolvimento do indivíduo. Fornece, ainda, material para aprofundar o debate entre as várias vertentes teóricas e proporciona aos profissionais refletirem acerca de suas práticas. Imprescindível que se pudesse retomar a apresentação e discussão de relatos clínicos, assim como ocorreu nos primórdios da psicologia.

## REFERÊNCIAS

- Ammann, R. (2002). *A terapia do Jogo de Areia – imagens que curam a alma e desenvolvem a personalidade* (M. Serpa, trad.). São Paulo: Paulus.
- Conselho Federal de Psicologia (2000). *Resolução n° 016/200*, de 20 de dezembro de 2000. Brasília.
- Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde (1996). *Resolução n°196*, de 10 de outubro de 1996.
- Franz, M-L. von (2003). *A individuação nos contos de fada*. (Eunice Kafunda, trad.). (4ª ed.) São Paulo: Paulus.
- Jung, C.G. (1977). Chegando ao inconsciente. In: Jung, C.G. et all. *O homem e seus símbolos* (M. L. Pinho, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (original publicado em 1964)
- Jung, C.G. (1986). *O desenvolvimento da personalidade* (Frei V. do Amaral, trad.). (2ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1926)
- Jung, C.G. (1991a). *Tipos psicológicos* (L. M.E. Orth, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1921)
- Jung, C.G. (1991b). *Um mito moderno sobre as coisas vista do céu* (Eva B. bramowitz, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1958)
- Jung, C.G. (1994). *Psicologia e Alquimia* (M. L. Appy, M. Makray e D. M. R. F. da Silva, trad.). (2ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1944)
- Jung, C.G. (1999). *Símbolos da Transformação* (Eva Stern, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1911/12)
- Jung, C.G. (2000a). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (M. L. Appy e D. M. R. F da Silva, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado a partir de escritos entre 1933 e 1955)



Jung, C.G. (2000b). *A natureza da psique* (Pe. Dom. M.R.Rocha, OSB). (5ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1916)

Jung, C.G. (2003). *O eu e o inconsciente* (D.F. da Silva, trad.). (17ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1928)

Jung, C.G. (2004). *Psicologia do inconsciente* (M.L.Appy, trad.). (15ª ed.) Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1917)

Jung, C.G. (2011). *Seminários sobre sonhos de crianças: sobre o método da interpretação dos sonhos; interpretação psicológica de sonhos de crianças*. Editado por Lorenz Jung e Maria Meyer-Grass (L. K. Richter, trad.). Petrópolis: Vozes. (original publicado em 1936/1937)

Silveira, N. da (1982). *Imagens do inconsciente* (4ª ed.) Rio de Janeiro: Alhambra.

Silveira, N. da (2001). *O mundo das imagens*. São Paulo: Ática. (original publicado em 1992)

Vieira, A. G. (2006). *A interpretação do brincar na caixa de areia*. Porto Alegre: Armazém Digital.

Weinrib, E. L. (1993). *Imagens do Self: o processo terapêutico na caixa-de-areia* (D. G. Aubert, trad.). São Paulo: Summus. (original publicado em 1983)

Yin, R.K. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos* (2ª ed.) Porto Alegre: Bookman. (original publicado em 1994)

ANEXO

## UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

Curso de Especialização em Psicologia - Infância e Família: avaliação, prevenção e intervenção

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto: Um estudo do símbolo na psicoterapia de crianças com orientação na Psicologia Analítica.

Estamos realizando este estudo com a finalidade de melhor compreender a função dos símbolos na abordagem terapêutica com crianças. O estudo envolverá levantamento de dados das entrevistas e atendimentos procedidos durante o tratamento analítico. Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_,  
 \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_, (inserir o nome, a nacionalidade, o estado civil e  
 a profissão), residente e domiciliado na  
 \_\_\_\_\_, portador da Cédula de  
 identidade nº \_\_\_\_\_ (SSP/RS), abaixo assinado(a), responsável legal por  
 \_\_\_\_\_, nascido(a) em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_,  
 residente e domiciliado na \_\_\_\_\_,  
 autorizo a participação do mesmo na presente pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, acima identificado(a), concordo de  
 livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) deste estudo.

Pelo presente consentimento, declaramos que fomos informados(as) dos objetivos e da justificativa do presente estudo, de forma clara e detalhada, por Clarice Regina Haubert, pós-graduanda pesquisadora. Temos o conhecimento de que receberemos resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. A participação é voluntária e teremos total liberdade para retirar nosso consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo ao atendimento psicológico dispensado nessa clínica. Entendemos que não seremos identificados(as) e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas relacionadas com nossa privacidade.

Concordamos em participar do presente estudo, bem como autorizamos a utilização dos dados das entrevistas, anotações e fotografias realizadas, para fins desta pesquisa e publicações

associadas a ela. Entendemos que todo o material desta pesquisa será mantido em sigilo na clínica. Os pesquisadores responsáveis por este estudo são os professores André Guirland Vieira e Tânia Mara Sperb, representantes do Instituto de Psicologia da UFRGS.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Responsável legal pelo participante

Pós-graduanda/Pesquisadora: \_\_\_\_\_  
Clarice Regina Haubert –CRP 07/14.144